

ESCATOLOGIA

Uma Análise Introdutória

Por

EURÍPEDES DA CONCEIÇÃO

Área de Teologia Sistemática

Apostila de Escatologia destinada aos alunos do curso de Bacharel em Teologia, do Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro (STPRJ), em exigência à disciplina de Teologia Sistemática 8.

Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 2003

CONCEIÇÃO, Eurípedes. *Eschatology: A Introductory Analysis*. Rio de Janeiro, STPRJ, Igreja Presbiteriana do Brasil, 2000.

ABSTRACT

The author's purpose is to highlight eschatology as a very important area of theology. Author makes a scientific study of eternity and time in eschatology and searches for its historical origins in the church of early centuries by describing its different conceptions. Author also identifies eschatology way through Middle Age to Renaissance, and from Reformation to nowadays. At last, author makes a brief analysis of main eschatology subjects in a reformed perspective.

KEYWORDS

Time, eternity, hope

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. A ETERNIDADE E O TEMPO NA ESCATOLOGIA.....	07
1. 1. <i>Chronos</i> e <i>Kairós</i> : Tempo do Homem e Eternidade de Deus	07
1. 2. Uma Análise do Tempo à Luz da Teoria da Relatividade	08
1. 3. Uma Visão Bíblico-Teológica.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA DA ESCATOLOGIA.....	17
2. 1. Escatologia no Período Apostólico	18
2. 2. Escatologia no Período dos “Pais da Igreja”	20
2. 3. A Manipulação da Escatologia na Idade Média	25
2. 4. A Escatologia a Partir da Reforma	27
2. 5. A Escatologia a Partir do Século XIX: Ortodoxia <i>versus</i> Liberalismo	29
3. BREVE ANÁLISE DA ESCATOLOGIA REFORMADA.....	41
3. 1. Interdisciplinaridade e Intradisciplinaridade: Uma Visão Pedagógica.....	41
3. 2. Verdades Escatológicas.....	44
3. 3. A Escatologia Judaica	44
3. 4. A morte	45
3. 5. Diferentes Sentidos de Morte	45
3. 6. O Estado Intermediário da Alma.....	46

3. 7. O Destino dos Justos.....	47
3. 8. O Destino dos Ímpios	47
3. 9. A Segunda Vinda de Cristo	48
3. 10. A Ressurreição dos Mortos	49
3. 11. Diferentes Interpretações Sobre o Milênio	49
3. 12. A Nova Terra: Nosso “Santuário Escatológico” e Morada Eterna.....	54
CONCLUSÃO.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	64

INTRODUÇÃO

Formulando conceitos

A palavra *escatologia* só passou a ser usada a partir de 1844. O termo é formado de duas palavras gregas: *eschatos* - último; e *logos* - tratado, estudo. Significa *ciência das últimas coisas* ou *doutrina das coisas finais*. Tecnicamente, é a área da teologia que estuda os temas relacionados à morte, o estado da alma depois da morte, a “Grande Tribulação”, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos, o Juízo Final, o céu e o inferno, e todos os assuntos relacionados com o destino final da humanidade. Todavia, a linguagem escatológica não difere muito da linguagem teológica. A teologia é sempre segunda, nunca primeira, no nível dialético. Só existe porque há perguntas feitas à fé. *Primeiro tem a fé que pergunta. Depois a teologia que responde*. Logo, a teologia é sempre resposta, mesmo que depois se “esqueça” de que perguntas ela é resposta. E quando as perguntas se esgotam, perdem vigor e vigência, a teologia corre o risco de “caducar”. “Teologizar”, portanto, é produzir respostas às perguntas feitas à fé. É nesse contexto dialético; nessa “maiêutica” sagrada, que aparece a escatologia como tentativa de resposta, como opção de esperança para aqueles que debruçaram toda a sua existência, não sobre as “últimas realidades”, mas sobre o “Último de todas as realidades”. Não são os eventos futuros que realmente importam, mas o evento do “Futuro Absoluto”. O cristão de coração sábio não se debruça com curiosidade sobre os *eschata* (plural grego: coisas últimas), mas sobre o *eschaton* (singular grego neutro: Futuro Absoluto), ou talvez mais exatamente sobre o *Eschatos* (singular masculino) - Jesus Cristo: plenitude, pleroma, evento escatológico por excelência,

que coloca toda nossa existência sob juízo, que diz respeito, em última instância, ao nosso ser, ao nosso destino definitivo.

O núcleo central da mensagem de Jesus é também escatológico, sob a forma do juízo iminente de Deus. Por isso, a figura que melhor traduz a atividade de Jesus, na sua consciência e na percepção de seus ouvintes, é a de “mensageiro escatológico”. Em termos cristãos, a escatologia é uma disciplina holística. Ela permeia toda a revelação bíblica e contempla todas as dimensões da alma. Moltmann justifica esta afirmação ao dizer que:

O cristianismo é escatologia, é esperança, olhar e andar para frente e transformar o presente. O escatológico não é um dos elementos da Cristandade, mas é o agente da fé cristã em si, a chave à qual *tudo* está ajustado [...] Por isso, escatologia não pode ser apenas uma parte da doutrina cristã. Antes, a perspectiva escatológica é característica de toda a proclamação cristã, de cada existência cristã e de toda a Igreja.¹

A Igreja Cristã nasceu envolvida pelo véu escatológico da esperança iminente da vinda do Senhor. Este ambiente se exprime pela tradição judaica, pela literatura interstamentária, pela prática de Jesus com refeições escatológicas (eucaristia), com curas significativas, com o acolhimento dos pecadores em atitude perdoante, pelas parábolas, pelas bem aventuranças, pela oração do Pai-Nosso, pelos sermões escatológicos e pela insistência de celebrações e orações convidativas à vinda do Senhor glorioso. Em tudo isso está presente a esperança escatológica dos primeiros cristãos.

Teologia, escatologia e ciência: resgatando os eixos de aproximação

Por que a pesquisa teológica tem sido considerada, por muitos, irrelevante e desnecessária?

Por que muitos consideram a curiosidade acadêmica e pesquisa teológica inúteis à vida

espiritual? Por que a investigação, a busca pela evidência bíblica e o aprofundamento teológico têm sido tão desconsiderados por alguns segmentos da comunidade cristã? Porque esta atitude é uma das formas de Satanás sustentar a ignorância e falta de profundidade nas Escrituras. É óbvio que não devemos nos esquecer jamais que a pesquisa teológica tem o seu limite. E este limite está determinado pela declaração “Assim diz o Senhor”. Entretanto, Satanás tenta distorcer a revelação bíblica criando um espírito antiacadêmico, contrário a qualquer expectativa de progresso e aprendizagem. Isso ocorre porque sua ação é dificultada onde as Escrituras são analisadas, proclamadas e ensinadas, trazendo conhecimento aos ouvintes. Portanto, quanto maior o nosso conhecimento, menor a possibilidade de sermos enganados. Mais ainda, o conhecimento acerca de Deus constitui-se para nós em um fator libertador. E Libertar o conhecimento é produzir a nossa própria “libertação em Cristo”.

Em todas as áreas percebe-se o avanço das pesquisas científicas destinadas a melhorar a saúde e o bem estar físico. Em geral, a sociedade não está apenas solicitando pesquisas científicas em diferentes áreas como está investindo nelas grandes somas em dinheiro. Há cientistas que passam a vida inteira analisando plantas, insetos, estudando o corpo humano, o espaço, a fim de melhorar a qualidade de vida em nosso planeta. Um médico pesquisador gasta de cinco a dez horas por dia em seu laboratório até descobrir a fórmula de algum remédio ou vacina. O espírito científico está presente em todas as áreas do conhecimento. Mas, no que tange à pesquisa teológica, nota-se um certo descaso. Por que? Cremos que se deve ao fato de que a comunidade cristã, ao longo da sua história, foi

¹ Citado por Hoekema, 1989, 9.

contagiada pelo “vírus” do biblicismo² e espírito anticientífico. São os resquícios da “era das trevas” da Idade Média cuja sombra ainda paira sobre muitos cristãos.

Há muito que a teologia divorciou-se da ciência, percorrendo o seu caminho de maneira “marginal”. A escatologia por sua vez divorciou-se da teologia e também construiu o seu caminho de maneira “marginal”. Uma das razões dessa separação deve-se ao fato de que as pesquisas científicas tiveram um avanço extraordinário no século XX, mas a teologia permaneceu circunscrita ao campo da ortodoxia e, conseqüentemente, distante do universo científico. À medida que o saber progrediu, as ortodoxias religiosas foram tornando-se menos aceitáveis, menos definíveis, menos concebíveis. Outro aspecto que provocou a exclusão da teologia do círculo das ciências foi o seu dogmatismo que, para a ciência, tem um sentido dominador. O pesquisador de física nuclear, Nabeel Kassis reforça este argumento ao dizer que “religiões que querem dominar tudo têm a tendência de se sentir as mais questionadas pela pesquisa científica”.³

Portanto, a teologia divorciou-se da ciência e a escatologia divorciou-se da teologia, passando a residir nas raias do surrealismo e imaginação popular. Esta ruptura produziu o enfraquecimento da escatologia uma vez que esta deixou de dialogar com a teologia e a ciência: dois pólos fundamentais para solidificar a “construção” do “edifício” da escatologia. Portanto, trazer a escatologia de volta à teologia é um grande desafio; e um desafio ainda maior é estabelecer um diálogo entre a escatologia e a ciência.

² Corrente religiosa que despreza a ciência

³ Kassis, 2000, 11.

O cientista Albert Einstein entendeu a necessidade de uma integração entre a religião e a ciência ao fazer a seguinte afirmação:

[...] ainda que os domínios da religião e da ciência estejam, por si mesmos, nitidamente demarcados, existem, contudo, entre ambos, fortes relações e dependências recíprocas. [...] a ciência só pode ser criada por aqueles que estão totalmente imbuídos da aspiração pela verdade e pelo entendimento. Esta fonte de sentimento, contudo, nasce da esfera da religião. [...] a ciência sem a religião é aleijada, a religião sem a ciência é cega.⁴

Corroborando a argumentação de Einstein, Richard Block, presidente e executivo-chefe da *World Union for Progressive Judaism*, em Israel, sintetizou o relacionamento entre ciência e religião com a frase “E Deus disse: $E = mc^2$ ”.⁵ Ou seja, a Bíblia circunda a ciência e, por sua vez, a teologia. Qualquer pessoa que pretenda dizer algo de relevante sobre a Bíblia como resposta às perguntas pós-modernas não pode ignorar a informação científica e os resultados da pesquisa teológica. Tampouco deve limitar-se à apenas um método de interpretação. Ao contrário, o espírito científico incentiva a aplicação de vários métodos desde que o objetivo final seja alcançar a verdade.⁶ Nesse contexto, a pesquisa histórica é de suma importância uma vez que a história subjaz todos os métodos de interpretação bíblica devido à sua peculiaridade factual. Aplicado ao livro de Apocalipse, por exemplo, o método histórico-científico busca interpretá-lo situando-o no conflito da Igreja do primeiro século com o estado romano. Para tanto, lança mão dos fatores

⁴ Claret, 1999, 50; 91; 152-7. É óbvio que Einstein não tinha uma visão religiosa nos moldes católicos ou protestantes. Embora afirmasse sua crença em um Deus que, no seu entender “não joga dados”, mas “é a lei e o legislador do universo”, ele argumenta que a religião do futuro seria cósmica e transcenderia um deus pessoal, evitando os dogmas e a teologia.

⁵ Block, 2000, 11.

⁶ Há vários métodos que podem ser utilizados na interpretação do livro de Apocalipse. Os mais conhecidos são: o método futurista, o método da continuidade histórica, o método da filosofia histórica, o método preterista, o método da formação histórica; o método histórico-científico; o método histórico-conceitual; o

religiosos, culturais, sociais, políticos, etc., que lhe deram origem. Uma interpretação atual, conseguida pelo preço da desinformação histórica, corre o sério risco da heresia. Pois com grande probabilidade dirá outra coisa diferente do que João em seu tempo disse ou pretendeu dizer. Por isto a interpretação do Apocalipse, bem como a dos demais escritos da Bíblia, necessita do esforço científico e da informação histórica. É um engano pressupor que o Espírito Santo menospreza a ciência. Pelo contrário, ele a exige. Todavia, não devemos nos esquecer que embora a ciência explique muitas coisas relacionadas à Bíblia, *ela não sabe interpretá-las*. Para isto ela necessita do Espírito Santo. A exegese científica por si só não chega a vislumbrar a palavra de Deus.

Estudar escatologia é resgatar os “elos” perdidos que unem a teologia à ciência que, em momento algum se divorciam. Cremos que é possível reconciliar a teologia com a ciência e talvez a escatologia seja o principal agente dessa reconciliação.

método histórico-existencial e o método histórico-querigmático. Ver Brakemeier, 1986, 84-8; Summers, 1978, 42-56.

1 - A ETERNIDADE E O TEMPO NA ESCATOLOGIA

1. 1. Chronos e Kairós: Tempo do Homem e Eternidade de Deus

Há duas palavras gregas que definem os diferentes conceitos de tempo: *chronos* e *kairós*. A primeira denota o tempo mensurável, que permeia o universo material e concreto; a segunda denota o tempo de Deus, a própria eternidade, um tempo impossível de ser medido ou avaliado pelos instrumentos e percepções humanas. Mas de uma maneira assombrosa e maravilhosa, Deus imprimiu o *kairós* dentro de nós. A Bíblia diz que Deus, além de estabelecer um tempo (*chronos*) devido para todas as coisas, “também pôs a eternidade (*kairós*) no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim” (Ec 3. 11).

O tempo só existe para os seres humanos. É filho da nossa consciência. Os outros animais simplesmente vivem – para eles não há ontem nem amanhã.⁷ O dramaturgo romano Plauto (254-184 a.C.), expressou sua insatisfação com o surgimento do relógio. Ele disse: “Amaldiçoem os deuses o homem que descobriu como diferenciar as horas! E amaldiçoem também aquele que neste lugar instalou um relógio de sol para cortar e repartir tão desgraçadamente os meus dias em bocadinhos.”⁸

Obcecada com a idéia da morte, a humanidade sempre buscou uma explicação para esse fenômeno misterioso e inexorável que transforma instantaneamente tudo o que é

⁷ Super Interessante, 2001, 4.

⁸ Id., ibid., 5

presente em passado. Na Grécia antiga, os filósofos discutiam se o tempo era real ou imaginário. Para Platão (427-347 a.C.), essa dimensão pertencia apenas ao mundo das sensações – portanto, não tinha existência material. Aristóteles (384-322 a.C.) defendia a opinião oposta: o tempo faz parte do Universo e não pode ser separado dele.⁹

Para a maioria das civilizações antigas, o tempo era cíclico ou circular, sem começo nem fim. Os hindus explicavam sua existência pela dança da deusa Shiva, que criava e destruía o mundo periodicamente. Os babilônios e os maias também acreditavam em épocas sucessivas de criação e destruição. Os maias tinham até uma data específica para o fim do ciclo em seu calendário: era o *lamat*, que se repetia a cada 260 anos. Nesses dias, os templos eram destruídos e outros erguidos no mesmo lugar, simbolizando o recomeço.¹⁰

Foi a cultura judaico-cristã que estabeleceu um ponto de partida para o tempo: a criação do Universo, no livro bíblico de Gênesis. Como Deus é onipotente, Ele não precisa ficar repetindo eventos. Surgiu assim a idéia de passado, presente e futuro como uma seqüência linear. Essa visão foi totalmente absorvida pela cultura ocidental.

1. 2. Uma Análise do Tempo à Luz da Teoria da Relatividade

Um fato digno de observação é o índice de variabilidade existente no próprio *chronos*, conforme nos apresenta a *Teoria da Relatividade* elaborada por Einstein, que aqui resolvemos usar como base para corroborar o nosso estudo. Einstein, como nenhum outro, conseguiu discernir as variáveis contidas na relação espaço, movimento, tempo e

⁹ Id., *ibid.*, 3.

¹⁰ Id., *ibid.*, 5.

matéria, partindo de pressupostos científicos. Ele demonstrou que nenhum desses fatores é absoluto em si mesmo e independente como julgava Newton. Na verdade, existe uma interdependência e *relatividade* entre si. Sobre o movimento, ele afirmou que “com a exceção única da velocidade da luz, os movimentos absolutos não se podem medir, nem mesmo perceber. Os movimentos observados no universo têm todos um caráter relativo”.¹¹

Sobre o tempo, Einstein argumenta:

O tempo é relativo - e relativos também são os acontecimentos chamados “simultâneos”. Não existe um tempo universal, mas sim um tempo para cada observador. [...] Como cada observador tem o seu tempo próprio, dois acontecimentos que, ocorridos em lugares diversos, são simultâneos para um observador, não o serão para outro.¹²

Para Einstein, o passado, o presente e o futuro não passam de três pontos no tempo, análogos aos três pontos do espaço ocupados por digamos - Washington, Nova York e Boston. “Cientificamente falando”, diz Einstein, “é tão lógico viajar de amanhã a ontem como viajar de Boston a Washington”.¹³ Para um observador imparcial do universo, todo o tempo, assim como todo o espaço, se tornaria presente a um único volver de olhos.

Einstein afirma que o tempo, como o espaço, é questão de movimento relativo. Se um homem pudesse deslocar-se com uma velocidade superior à da luz - o que, por certo, é humanamente impossível - alcançaria o seu passado e teria a data do seu nascimento relegada para o futuro.¹⁴ Veria os efeitos antes das causas, e presenciaria os acontecimentos

¹¹ Claret, 1999, 32.

¹² Loc. cit., 33.

¹³ Loc. cit., 60.

¹⁴ A luz percorre uma velocidade de 300.000 km por segundo e 9,5 trilhões de km por ano. Isto equivale a um ano-luz, que é a medida utilizada para determinar a distância percorrida pela luz em um ano. A Via Láctea está no centro de um grupo de galáxias. É a Galáxia onde está situado o Sistema Solar e todos os astros que o formam. Nela encontramos uma distribuição irregular de estrelas que se deslocam no espaço celeste. Estes corpos estão muito distantes e a medida utilizada é o ano-luz. A Via Láctea é formada por uma nebulosa de

antes que eles sucedessem realmente. O tempo é apenas um relógio planetário que mede o movimento. Cada planeta possui o seu sistema cronométrico local próprio, diferente de todos os outros sistemas cronométricos. O sistema da Terra, longe de constituir uma medida absoluta do tempo para todos os lugares, não passa de uma tabela do movimento do nosso planeta em redor do Sol. O dia é uma medida de movimento através do espaço. A nossa posição no tempo depende inteiramente da nossa posição no espaço. A luz que nos traz a imagem de uma estrela distante pode ter viajado um milhão de anos pelo espaço antes de chegar à Terra. Portanto, a estrela que vemos hoje pode ser apenas o reflexo de uma estrela que já explodiu há um milhão de anos atrás. Do mesmo modo, um acontecimento que se deu na Terra há milhares de anos, só agora seria presenciado por um observador situado em outro planeta ou ponto do universo, que, por conseguinte, o considera como um acontecimento atual. O que é *hoje* em nosso planeta, pode ser *ontem* em outro planeta, e *amanhã* em um terceiro. Pois o tempo é uma dimensão do espaço e o espaço é uma dimensão do tempo.

Mediante o exposto, perguntamos: Se o tempo no sentido cronológico e no universo material apresenta uma taxa de variabilidade tão grande, o que não dizer do *kairós*? Para estudar escatologia, é imprescindível que nos dissociemos da nossa visão materializada de tempo, e mergulhemos na dimensão do *kairós*, o “tempo” da eternidade. Isto porque os fatos escatológicos, embora se concretizem no *chronos*, são arquitetados no *kairós*.

forma espiral onde o maior diâmetro corresponde a 130.000 anos-luz; e o menor diâmetro a 20.000 anos-luz. Conta com cem bilhões de estrelas-sóis e entre elas o nosso Sol.

1.3. Uma Visão Bíblico-Teológica

Não existe objeto mais digno de reflexão e estudo do que o Deus eterno e a sua relação com a eternidade e o tempo. A Bíblia revela o Deus eterno e o seu propósito para conosco. Esse propósito se concretiza no tempo e na eternidade. O historiador cristão Earle E. Cairns diz que “Deus fez-se homem e viveu no tempo e no espaço na pessoa de Cristo”.¹⁵ Entretanto, convém distinguir tempo de eternidade haja vista que são categorias muito diferentes. Logo, a primeira pergunta a ser feita é “o que é o tempo?”. Agostinho também fez esta mesma pergunta. Debatendo-se com o problema ele expôs sua dificuldade:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? [...] Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei.¹⁶

Mais adiante, ele encontra uma resposta ao afirmar que “o passado já não existe e o futuro ainda não chegou”.¹⁷ Ele conclui que o tempo existe apenas no presente, o qual ele define como “presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras.”

Comparando a eternidade ao tempo, Agostinho afirma que “na eternidade, [...] nada passa, tudo é presente”¹⁸ enquanto que, no tempo, as coisas passam. Nas palavras de Agostinho, a eternidade é um “sempre presente”, um “eterno hoje”;¹⁹ ou seja, uma espécie

¹⁵ Cairns, 1995, 14.

¹⁶ Agostinho, 1996, 322.

¹⁷ Id., *ibid.*, 323.

¹⁸ Id., *ibid.*, 320

¹⁹ Id., *ibid.*, 321-2.

de *terra do nunca* onde as coisas acontecem, mas o tempo não passa e ninguém nasce, envelhece ou morre.²⁰

Dentro de uma perspectiva bíblico-teológica, o tempo tem princípio e fim. De acordo com a nossa leitura lógica e cartesiana, o tempo é identificado em três dimensões: *passado, presente e futuro*. Entretanto, a única parte do tempo que realmente existe é o presente, pois o passado já se foi e o futuro ainda não chegou. A maneira correta de falar sobre o tempo não é seguindo a ordem de passado, presente e futuro, mas futuro, presente e passado. O tempo não está se movendo do passado para o futuro, mas do futuro para o passado. O tempo que passou está perdido para sempre e não pode ser reavido porque tem um lugar que é o presente.

O tempo começou com a criação. Deus instituiu três coisas básicas no universo criado: espaço, matéria e tempo. O espaço consiste em extensão largura e altura; a matéria consiste em energia, movimento e fenômeno; o tempo consiste em futuro, presente e passado. O tempo tem uma íntima relação com o homem porque compreende o período de sua vida entre o nascimento e a morte (Ec 3. 1, 2). É necessário, portanto, fazer uma distinção entre a expectativa de tempo do homem e a expectativa de tempo de Deus. A vida não ultrapassa o tempo determinado por Deus. O tempo é a essência de tudo no universo físico. Este universo é regido pelo tempo. Uma vez que o tempo coexiste com a eternidade, o homem tem dificuldade de diferenciar um do outro. Por ser uma criatura do tempo, o homem busca enquadrar o tempo na eternidade falando de “eternidade passada” e “eternidade futura”. Tudo é atemporal na eternidade. A eternidade não é uma extensão de

²⁰ A comparação é do autor. Para uma melhor compreensão sobre a expressão “terra do nunca” seria interessante ler o clássico infantil “Peter Pan”.

tempo. Não existe passado nem futuro, apenas presente. Alguns afirmam que existe tempo na eternidade por causa da sucessão de acontecimentos, mas precisamos entender que os termos bíblicos “antes” e “depois” usados em relação aos decretos de Deus não correspondem a uma ordem cronológica, no sentido utilizado pelo homem, uma vez que tais decretos foram firmados na eternidade, fora dos limites do tempo. Todavia, para facilitar a nossa compreensão o escritor sagrado utilizou uma linguagem que pudesse dar-nos uma idéia de que um decreto torna-se a base para um outro decreto. Por exemplo, o decreto de Deus manifestar sua glória deve ser considerado anterior a criação e queda do homem. A criação foi o meio de manifestar a sua glória. Portanto, o decreto de Deus manifestar sua glória precedeu - em ordem - o decreto de criar. Logo, a conclusão que chegamos é que na eternidade existe ordem, mas não existe tempo. Ordem não requer necessariamente tempo. Existe ordem na eleição eterna. Desde que a nossa eleição é em Cristo (Ef 1. 4), a eleição de Cristo como nosso salvador precedeu a nossa eleição nele (Is 42. 1; Lc 23. 35; 1 Pe 2. 4). Ademais, os atos de Deus que se concretizam no tempo já foram decretados pela sua vontade antes do tempo. Assim, os eternos decretos de Deus precisam ser entendidos na mente de Deus na mesma ordem que são executados no tempo.

O tempo é o presente transitório em contraste com a eternidade que é o presente permanente. W. E. Best²¹ em sua obra *Eternity and Time* (Eternidade e tempo) apresenta alguns dos diferentes conceitos de tempo. Segundo Best, os puritanos costumavam referir-se à eternidade como “duração eterna” ou período eterno.²² Todavia, a duração é algo mensurável, mas a eternidade é imensurável. Martinho Lutero definia a eternidade como

²¹ Todas as citações extraídas de obras escritas em idiomas estrangeiros foram traduzidas diretamente pelo autor desta apostila.

“tudo acontecendo de uma só vez”. Agostinho referiu-se à eternidade como “o eterno hoje”.²³ Quando Deus referiu-se à sua eternidade ele disse: “EU SOU” (Ex 3. 14). Se ele dissesse: “Eu Era”, significaria que Ele não é mais. Também se dissesse “Eu Serei”, significaria que ainda não é o que virá a ser. A eternidade é o tempo-presente, imensurável e permanente.

Best diferencia a eternidade e o tempo usando duas expressões: temporalidade extensa e eternidade intensa. Segundo ele, “A eternidade intensa substituirá a temporalidade extensa quando o tempo deixar de existir”.²⁴ Viver a eternidade é desfrutar de uma vida intensa, e não extensa. É viver a qualidade e não a quantidade. A idéia de extensão temporal não existe na eternidade. Em sua extensão, o tempo tem princípio e fim. A eternidade não tem uma coisa nem outra.

A eternidade de Deus tem que ser focalizada de um ponto de vista qualitativo (altura e profundidade), o que difere da temporalidade do homem que é muito mais quantitativa (largura e extensão).²⁵ Desta forma, a vida que é outorgada por Deus aos eleitos necessita ser focalizada segundo a mesma perspectiva. Embora os eleitos de Deus sejam criaturas temporais, eles possuem (ou possuirão) uma vida eterna em seus corpos mortais.

Concluimos, pois, que o homem é eterno apenas no propósito de Deus. Sua existência iniciou no tempo, mas transcende o tempo. A existência do homem era uma realidade presente para Deus porque para Ele não existe passado nem futuro.

²² Best, 1986, 9.

²³ Id., *ibid.*, 9.

²⁴ Id., *ibid.*, 10.

²⁵ Ver Efésios 3. 17-19. Aqui, o apóstolo Paulo fala sobre as quatro dimensões do amor de Cristo que é eterno, mas se concretiza na temporalidade.

O propósito de Deus engendrado na eternidade é executado no tempo e na história. Isto significa que o estudo da escatologia deve ser feito, não apenas na dimensão do *chronos*, mas principalmente na dimensão do *kairós*. Cremos que a nossa dificuldade de compreender a escatologia reside, historicamente, na nossa tentativa de adequar os fenômenos e fatos escatológicos ao *chronos*, menosprezando o *kairós*. Jamais compreenderemos a eternidade enquanto nossas mentes permanecerem “escravas” do tempo.

Os discípulos tiveram o seguinte diálogo com Jesus antes que ele ascendesse aos céus: “Senhor, será este o *tempo* em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer *tempo ou épocas* que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade” (At 1. 6, 7). Esta passagem registra a expectativa escatológica dos discípulos. A pergunta feita constituía-se em uma grande dúvida escatológica, e eles buscavam a resposta. Para eles, era importante saber exatamente o tempo e lugar da história em que os eventos proféticos sucederiam. Todavia, Jesus deixou bem claro que os fatos escatológicos não estão sujeitos à temporalidade humana, mas à eternidade divina. À semelhança do que ocorreu naquele tempo, as perguntas que, hoje, mais afligem os crentes são: “Quando será a segunda vinda de Cristo?” “Quando terá início a Grande Tribulação?” “O Milênio será um período literal de mil anos ou é apenas simbólico?” “Os acontecimentos narrados no Apocalipse de João já aconteceram, estão acontecendo ou ainda acontecerão?” “Quem é o Anticristo?” “Quem é o falso Profeta?” “Quem é a Grande Babilônia?”. E muitas outras perguntas sem resposta.

Tentar identificar datas ou períodos em que os fatos escatológicos se concretizarão é cometer a falha de submeter a escatologia à testes laboratoriais de “ensaio e

erro”, e, conseqüentemente, lançá-la no descrédito popular. Estudar escatologia não é tentar responder perguntas para as quais não existem respostas, mas compreender os fatos e fenômenos escatológicos à luz da vontade soberana do Deus eterno.

O capítulo seguinte é uma narrativa histórica de todas as tentativas “laboratoriais” de identificação de datas, anos e períodos de cumprimento das profecias bíblicas. Todas elas falharam por decorrerem de uma visão escatológica equivocada.

2 - FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

Alfredo Loisy (1857-1940) disse que “Jesus anunciou o reino de Deus, mas em lugar deste veio a Igreja”.²⁶ Esta afirmação tornou-se célebre e até hoje incomoda os cristãos. Muitos alegam que é uma insinuação de que a Igreja se entende como substituta do reino de Deus. Longe de ter essa pretensão, Loisy apenas sintetiza um problema crucial da comunidade cristã primitiva: a expectativa pelo fim eminente e a volta de Jesus, em breve, para acolher sua comunidade e inaugurar o seu reino e governo soberano. Enquanto rogavam “venha o teu reino!”, os cristãos expressavam aguardar a manifestação escatológica de Deus no futuro. Mas dias e anos se passavam sem que esta esperança se cumprisse. Como entender a demora, como reagir? A luta com esse problema deixou profundas marcas no Novo Testamento. Um dos sintomas da decepção que se apoderava de muitos é reproduzido em 2 Pedro 3. 4: “Onde está a promessa de sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”. Os apóstolos tinham um grave problema a ser resolvido. A alternativa seria produzir uma esperança escatológica nos corações dos cristãos. Uma esperança tão forte que fosse capaz de transcender o tempo e a história. Por quê? Porque “ainda que o advento do reino de Deus sofra atraso, a esperança não frustra”.²⁷ É dessa esperança, alimentada pela fé, que nasce a escatologia na comunidade cristã primitiva.

²⁶ Exegeta crítico católico, em sua obra: *L’Evangile et L’Eglise*. Citação conforme Clodovir Boff: *Sinais dos Tempos*, p. 32.

²⁷ Brakemeier, 1986, 6.

2. 1. Escatologia no Período Apostólico

A Igreja Cristã sempre se preocupou com as questões escatológicas. A história mostra que o cristianismo, desde os seus primórdios, caracterizou-se por uma ênfase essencialmente escatológica.

Berkhof sintetiza a consciência escatológica da Igreja dos primeiros séculos. Ele diz:

A Igreja em seu primeiro período foi perfeitamente consciente dos elementos distintos da esperança cristã. Por exemplo, que a morte física não é a morte eterna, que as almas dos mortos sobrevivem, que Cristo voltará outra vez, que haverá uma bem aventurada ressurreição dos que pertencem ao povo de Deus, que esta se seguirá pelo juízo geral no qual se pronunciará a condenação eterna sobre os ímpios, e onde os piedosos serão recompensados com as glórias eternas do céu.²⁸

*Os cristãos primitivos acreditavam que os crentes, ao morrerem, eram recolhidos por Deus ao paraíso, enquanto que os ímpios, de imediato, eram lançados ao inferno. Eles aguardavam a vinda de Cristo para aqueles dias. Vivendo ainda a atmosfera da ascensão de Cristo, pensavam que a *parousia* ocorreria naquela geração, baseando-se na esperança de que o fim viria após a proclamação universal da mensagem do Reino. Sendo assim, o evangelho não necessitaria mais que três décadas para alcançar os lugares mais distantes do império romano. Havia uma expectativa geral quanto ao *Dia do Senhor*.*

²⁸ Berkhof, 1983, 793.

A “síndrome” de Tessalônica

Os crentes de Tessalônica demonstraram preocupação tão extrema com essa questão que passaram a viver sob o signo da *escatofobia* e *escatomania*. A igreja de Tessalônica havia sido plantada por Paulo durante sua segunda viagem missionária (At 17). Dentre os seus membros, havia judeus, gregos, mulheres nobres e muitas pessoas oriundas do paganismo gentio. Mas alguns problemas estavam afetando a igreja. A perseguição era intensa (1 Ts 3. 3, 4) e muitos crentes estavam desconsolados por causa de entes queridos que já haviam falecido (1 Ts 4. 13-17). Acreditando que o retorno de Jesus aconteceria por aqueles dias, temiam que aqueles que morressem, perderiam o prazer de serem testemunhas da vinda do Senhor. Outros, na expectativa de que a vinda do Senhor estava próxima, haviam se entregado ao ócio (1 Ts 4. 11) e a desordem (1 Ts 5. 14). Alguns se sentiam tentados a voltar aos vícios dos pagãos (1 Ts 4. 1-8).

Depois de haver partido de Tessalônica, Paulo enviou Timóteo para *confirmar e exortar* os tessalonicenses (1 Ts 3. 1-3). Ao tomar conhecimento de toda situação, Timóteo levou um relatório a Paulo, enquanto estava em Corinto. Em resposta ao relatório, Paulo escreveu a primeira epístola a fim de exortá-los a pureza moral, ao amor fraternal e a uma vida diária de santificação (1 Ts 4. 13-17); consolá-los em sua preocupação pelos parentes falecidos, assegurando que os crentes estão isentos do juízo vindouro do Dia do Senhor (1 Ts 5. 1-5) e não se encontram de modo algum em desvantagem os que porventura venham a falecer antes da parousia de Cristo (1 Ts 4. 13ss). Basta saber que Deus “não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Ts 5. 9), e as preocupações relativas à sorte dos mortos se revelam como infundadas. A seguir, Paulo os exorta à vigilância e à conduta ordeira na assembléia e na vida diária (1 Ts 5. 12-23). Veio

um segundo relatório dando um *feedback* dos resultados da primeira epístola. No relatório constava que esta havia produzido bons resultados e crescimento espiritual naquela igreja. Paulo sentiu-se grandemente consolado com tal relatório, porém, constava no relatório que um ensinamento errôneo, que, supostamente teria vindo da parte de Paulo, havia chegado a Tessalônica ou através de uma epístola forjada ou por meio de relatórios orais e escritos sobre seu ensinamento. Em suma, estavam distorcendo os ensinamentos de Paulo. Alguns afirmavam que as tribulações e perseguições que estavam sofrendo eram as tribulações do Dia do Senhor e, todavia não haviam sido arrebatados, conseqüentemente Paulo estaria errado em seu ensinamento (1 Ts 4. 13). Paulo, então, escreveu a segunda epístola para elogiar o seu desenvolvimento espiritual (2 Ts 1. 3, 4), consolá-los em suas perseguições (2 Ts 1. 5-10), corrigir uma falsa doutrina de que o Dia do Senhor já tinha vindo (2 Ts 2. 1) e corrigir desordens na igreja (2 Ts 3. 6-15).²⁹

Mas a expectativa em torno da volta de Cristo perdurou por todo o período apostólico. Os cristãos continuaram aguardando *a volta de Cristo, que não se concretizou*.

2. 2. Escatologia no Período dos “Pais da Igreja”

Esperanças frustradas e absurdos conceituais

O primeiro século chegou ao fim e Cristo não veio. Além do conteúdo escatológico da tradição profética veterotestamentária e os textos neotestamentários, o último documento escriturístico genuinamente inspirado por Deus e legado às gerações seguintes foi o livro de Apocalipse, revelado a João, na ilha de Patmos, no final do primeiro século, durante o

²⁹ As perseguições ocasionaram em alguns a idéia de já ter começado a Grande Tribulação.

reinado de Domiciano. Esse livro soou como uma bomba no seio da Igreja, provocando enorme polêmica. Justino Mártir (c. 135 d.C.), e Irineu (c. 180 d.C.) citam, ambos, passagens do livro, palavra por palavra e a Igreja Ocidental aceita-o prontamente como livro canônico, mas a Igreja Oriental resiste em aceitá-lo de imediato, e o recebe apenas por volta do ano 500 d.C.

O surgimento do livro de Apocalipse aumentou as expectativas em torno da volta de Cristo. A frustração da espera fez com que passassem a estudar as profecias bíblicas com maior dedicação. Empreitada que foi assumida pelos chamados “pais da Igreja” que, embora estivessem vivendo o ardor da era apostólica, não tinham uma concepção clara dos fatos escatológicos. Na elaboração da sua escatologia, fizeram declarações sugerindo que haviam sido proferidas por Cristo. Segundo Papias (c. 60-130), bispo de Hierápolis, na Frígia Pacatiana, próximo de Laodicéia, o seguinte discurso sobre o milênio teria sido proferido por Cristo: “Dias virão quando as vinhas terão, cada uma, mil varas, e cada vara dez mil ramos, cada ramo dez mil hastes, cada haste dez mil cachos, e cada bago, quando espremido, dará quatro barris de vinho”.³⁰ Para justificar esta declaração, Papias que afirmava ter sido discípulo de João, acrescentou: “Isto é crível aos cristãos, pois se o leão vai se alimentar da palha, qual não será a qualidade do próprio trigo, se a palha serve de alimento aos leões”.³¹ Esses e outros absurdos foram somados à elaboração da escatologia. Até mesmo as perseguições romanas serviram para redimensionar a escatologia da Igreja. No tempo de Severo, imperador de Roma, apareceu um místico e peregrino chamado Judas dando a entender que Cristo viria no final do reinado desse imperador. Ele teria chegado a

³⁰ Esta citação aparece no livro apócrifo de 2 Baruque, 29. 5, 6. O milênio, enquanto um reinado terreno, tem sido, por muitas vezes, descrito em termos fantásticamente materialistas.

essa conclusão através de um estudo arbitrário das *Setenta Semanas de Daniel*. Forçando os Algarismos e tratando aleatoriamente as profecias, ele pretendia afirmar que a vinda de Cristo ocorreria no último ano de Severo - 203 d.C. O presbítero Hipólito de Roma, martirizado em 235 d.C., informa em sua *Tradição Apostólica* que, certa vez, um bispo sírio retirou-se para o deserto com toda a sua igreja para recepcionar o Cristo que estaria vindo por aqueles dias. Mas retornaram tristemente aos seus lares e não foram poucos os que naufragaram na fé. Eusébio de Cesaréia (263-340), cognominado o “pai da História da Igreja”, acreditava que o Anticristo surgiria ainda naquela geração.

O embrião da doutrina do purgatório

Justino, o Mártir (100-165) foi o teólogo que pavimentou a estrada para uma reflexão escatológica mais ampla ao fazer a seguinte declaração: “As almas dos piedosos estão num lugar melhor, e as dos injustos num lugar pior, aguardando o tempo do juízo”.³² Assim, foram lançadas as bases para a elaboração do dogma do *Estado Intermediário da Alma*. A doutrina seria desenvolvida por Irineu, Hilário, Ambrósio e Agostinho, os quais acreditavam que Deus conduzia os mortos ao Hades (que era um cárcere extradimensional de várias seções), onde permaneceriam até o dia do juízo.³³ Tertuliano (155-222) acrescenta que *os mártires não tinham necessidade de passar por tal processo; seu sofrimento garantia-lhes acesso direto aos céus*. Agostinho fez uma reflexão extra-bíblica e concluiu que no Hades, *as almas eram submetidas a um processo de amorosa purificação para, em*

³¹ Andrade, 1998, 11-2.

³² Id., *ibid.*, 10.

³³ Id., *ibid.*, 10.

*seguida, serem recolhidas pelo Senhor ao paraíso.*³⁴ Estava, assim, concebido o embrião da doutrina do purgatório que seria um golpe de morte no cristianismo.³⁵ O papa Gregório, o Grande, consolidou o ideal do purgatório ao dizer que “Deve ser crido que existe, por causa das pequenas falhas, um fogo purgatorial antes do juízo”. Por causa desta declaração, esse papa entrou para a história como o “pai do purgatório”, cuja doutrina seria redefinida e dogmatizada pelo Concílio de Trento em 1563. Em seu livro *A Vida Futura Segundo a Bíblia*, William Hendriksen (1900-1982), ex-professor do *Calvin Theological Seminary*, cita parte da Sessão XXV do Concílio de Trento, que contém a decisão sobre o purgatório, como segue:

Há um purgatório, e as almas para lá destinadas são ajudadas por meio das orações dos fiéis, especialmente por meio do aceitável Sacrifício do Altar [...] Este santo concílio ordena a todos os bispos a envidar diligentemente todos os esforços para que esta sã doutrina do purgatório [...] seja crida, sustentada, ensinada e por toda parte pregada pelos fiéis de Cristo.³⁶

A doutrina do purgatório foi severamente combatida pelos reformadores protestantes. Nos artigos de Esmalcald,³⁷ Lutero declarou que a idéia de purgatório

³⁴ Id., *ibid.*, 10.

³⁵ O purgatório, localizado na fronteira do Hades com o inferno, seria um estado a que se submetem as almas que, embora amigas de Deus, necessitam purificar-se dos pecados veniais. Somente assim mostrar-se-ão aptas a unir-se a Cristo. Um fogo purificador vai, pouco a pouco, limpando-as de todas as imperfeições e resquícios do pecado original. Esse fogo, em imagem, alimenta-lhes a esperança e o regozijo eternos. Foi devido a esta distorção doutrinária que a venda de indulgências foi popularizada. Os romanistas afirmavam que as indulgências abreviariam a passagem das almas do purgatório para o Céu.

³⁶ Hendriksen, 1988, 4.

³⁷ Os artigos de Esmalcald fazem parte de uma confissão luterana, escrita pelo próprio Lutero em 1537, atendendo um pedido de João Frederico da Saxônia, como um sumário de todo o seu ensino. Nessa declaração, encontramos uma afirmativa concisa de princípios básicos, incluindo questões como a soberania de Deus, a obra medianeira de Cristo, a justificação pela fé, a Igreja e seu ministério. Seus artigos contrastam com as doutrinas e práticas romanistas como a missa, as penitências, as relíquias, e outros desvios que são denunciados. O Papa é atacado como se fosse o anticristo. A intenção de João Frederico era de usar esse documento para unificar os protestantes, mas ele não obteve êxito. Todavia, o documento obteve prestígio e terminou incluído no Livro da Concórdia, como um credo oficial, acompanhado por um apêndice antipapal, escrito por Melancton. Lutero dava grande importância a essa declaração, que era uma afirmação espontânea da sua fé e não uma exposição fria e erudita. Ver Champlin e Bentes. *Artigos de esmalcald*. In: Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia 1. São Paulo: Candeia, 1991, 328.

pertencia à “geração pestilenta da idolatria, gerada pela cauda do dragão”, referindo-se aos católicos romanos.³⁸

O montanismo e a sua visão literal sobre o milênio

O montanismo foi um dos primeiros movimentos a preocupar-se com o milênio. Montano (c. século 2 d.C.), o organizador do movimento, chegara à conclusão de que o “fim” estava próximo. Assim, anunciou a seus seguidores que a nova Jerusalém estava prestes a descer do céu sobre a Ásia Menor. Glasson afirma que muitos deles abandonaram as suas possessões e até romperam com laços de família, a fim de melhor se prepararem para o grandioso acontecimento - somente para sofrerem um amargo desapontamento.³⁹ Glasson acrescenta que alguns cristãos ortodoxos como Cipriano de Cartago (c. século 3 d.C.) tornou-se simpatizante do movimento ao escrever: “O dia da pressão está bem por cima de nossas cabeças, e aproxima-se a consumação de todas as coisas e o aparecimento do Anticristo”.⁴⁰

Os montanistas aguardavam a manifestação literal do reino de Deus. Tertuliano, um dos pais da Igreja Ocidental, foi um dos mais insignes representantes desse movimento, o qual sofreu a oposição de Jerônimo (350-410) que apregoava que os crentes terão, de fato, um reino, mas neste mundo e antes do retorno de Cristo. Segundo Jerônimo, esse reino nada tinha a ver com o milênio e seria factível somente através da Igreja. Esforçando-se por viver de acordo com a sua doutrina, Jerônimo terminou os seus dias como monge em Belém de Judá.

³⁸ Andrade, 1998, 10.

³⁹ Glasson, 1953, 44.

A ascensão de Constantino e a “escatologia circunstancial”

Com a ascensão de Constantino, o cristianismo tornou-se a religião oficial do império romano. A Igreja, influenciada por uma escatologia circunstancial, julgava ter chegado o Reino de Deus. Sua visão era otimista alegando que se até então o imperador de Roma era o Anticristo, doravante haveria de ser o “Messias”.

A igreja dos mártires recebe “férias” de martírio. A ameaça permanente de ter de testemunhar com a vida a própria fé a cada momento e por isso a necessidade de uma vigilância escatológica de total desapego afasta-se com a *Pax Constantiniana*. A igreja troca as catacumbas pelos palácios. Com isso, a proximidade iminente da *parousia* já não se faz nenhum desejo ardente. A tarefa é a construção da *Cidade de Deus* na Terra, ou a “Cidade Espiritual da Terra”.

2.3. A Manipulação da Escatologia na Idade Média

A visão de Agostinho

A *parousia* era agora um fato remoto. Ticônio pôs-se a ensinar que o milênio teria iniciado na primeira vinda de Cristo e estender-se-ia até a sua segunda vinda. Agostinho (354-430) foi influenciado por esse posicionamento. Em sua obra *Civitate Dei (Cidade de Deus)*, iria ampliar ainda mais os conceitos de Ticônio. Na descrição abstrata das duas cidades, de Deus e terrestre, marca a diferença com radicalidade. Mas conclui que a “Cidade Espiritual da Terra” oferece suficientes garantias de moralidade, de justiça, de paz e de fé e é já o reino

⁴⁰ Op. cit., 45.

de Deus, ainda que provisório e inadequado, se comparado com o eterno dos céus. Desta forma, Agostinho consegue frear o milenarismo e o escatologismo, que se alimentam do desprezo ou da subvalorização da vida. Ele rejeita a identificação vulgar do tempo com a eternidade e considera a Igreja já no nosso meio, ainda que de modo invisível, a presença do reino de Cristo, com que sonham os milenaristas.

Quanto aos eventos futuros, Agostinho assumiu uma posição preterista, amilenista e simbolista, sendo marcado por um forte existencialismo. Acredita-se que ele tenha sido milenista no início de sua fé, mas teria mudado de idéia com o passar do tempo. Lendo Ap 20. 5, aplicou de imediato o texto à Igreja, procurando mostrar que o milênio referia-se à Igreja Cristã. Essa interpretação condicionou os fiéis a pensarem que o mundo acabaria no ano mil. Ao chegar o ano mil, porém, nada aconteceu. Forçando um casuísmo e tratando a escatologia de maneira artificiosa, as autoridades eclesiásticas resolveram alterar os cálculos. Tomando por base, agora, não o nascimento, mas a crucificação de Cristo, concluíram que o mundo acabaria em 1030. Como nada acontecesse novamente, acharam por bem dar uma interpretação mais alegórica aos versículos que falam sobre o reinado do Messias. Por causa desse falso anúncio, muita gente deixou-se prostrar. Não foram poucos os que doaram as suas propriedades à Igreja de Roma, tornando-a ainda mais rica e poderosa. Enquanto isso, o povo mantinha-se na miséria e em densas trevas espirituais e culturais.

Por volta do século XIII, Guilherme de Saint Amour escreveu um livro intitulado *Os Perigos dos Últimos Tempos*, no qual proclamava o fim dos tempos com base no que via acontecendo ao seu redor.

2.4. A Escatologia a Partir da Reforma

As manipulações continuam

A despeito de toda a influência da Renascença no pensamento reformado, no campo da escatologia essas especulações continuaram durante e após a Reforma. Se por um lado os reformadores descobriram Cristo através do retorno às Escrituras, por outro “descobriram” o Anticristo (referido por Paulo como “o homem do pecado”) na figura do papa e a Babilônia do Apocalipse na figura da Igreja Católica. De um modo geral, os reformadores acreditavam nisso porque o papa e a Igreja Católica haviam se “divorciado” das Escrituras Sagradas. Os reformadores achavam que as agitações da reforma eram os efeitos da “libertação” de Satanás mencionada em Apocalipse. Ou seja, o milênio da Igreja terminara e todos deveriam suportar o diabo até que fosse definitivamente lançado às trevas exteriores. *Agora, nada mais havia para impedir a volta iminente de Cristo.*

Apesar de sua firme posição a respeito da justificação pela fé, Martinho Lutero deixa-se influenciar por Agostinho. Ele chegou, inclusive, a acreditar que o mundo teria uma duração de seis mil anos. Logo, já estavam vivendo o início do fim.

O pietista luterano Johann Bengel (1685-1782) anunciou que a derrubada da besta (leia-se: o papa) seria em 1836 e, então, Jesus retornaria em 1837. Wesley seguiu a “escatologia” de Bengel, mas ambos não viveram o bastante para descobrirem seus erros em vida. *Jesus não veio em 1837.*

Como se não bastasse o fiasco de 1837, Guilherme Miller, um fazendeiro norte-americano, começou a pregar que Jesus viria em 1841. Ele interpretava os *dois mil e*

trezentos dias do capítulo oitavo de Daniel como se fossem anos, e tomando o ano de 457 a.C. como seu ponto de partida, chegou a 1843 como a data do segundo advento de Cristo. Seus seguidores postaram-se, vestidos de branco, sobre montes, colinas, telhados de casas, aguardando o grande acontecimento, mas todos acabaram desapontados. Esperaram e mais uma vez Jesus não veio. Transferiu então a data para 1843 e Jesus também não voltou. Nova data foi marcada para 1844, e novo fiasco. E já um século e meio transcorreu e as previsões de Guilherme Miller não se cumpriram.

O historiador Fred Richard Belk, em seu livro *The Great Trek* (A Grande Jornada), relata que um movimento similar, surgido no século XIX, foi liderado por Claus Epp Jr., um pregador menonita nascido na Rússia. Ele acreditava que a tribulação, referida no livro de Apocalipse, era iminente. Essa opinião foi encorajada pela situação política na Rússia, que ameaçava retirar alguns dos privilégios dos menonitas pacifistas, sobretudo a isenção do serviço militar, que consideravam vital para a prática da sua fé. Confiando que Deus haveria de prover um refúgio para os fiéis no Turquestão, Epp Jr. encabeçou um grupo de seiscentos menonitas que seguiram uma caravana de vagões. Partindo do sul da Rússia e da região do rio Volga, rumaram para o oriente, até chegarem no deserto da Rússia Asiática. Eles esperavam sair ao encontro do Senhor, ali, no ano de 1889. Alguns dos seguidores desiludidos acabaram emigrando para os Estados Unidos; outros continuaram na Rússia, e milhares de seus seguidores continuam na mesma região até hoje.

Scofield (1843-1921), um dos primeiros escritores da Bíblia anotada, estava profundamente convencido de que a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcava o começo do conflito final que poria fim a esta era de graça. Chegou a ponto de afirmar isso em um artigo publicado no jornal evangélico *The Sunday School Times* (17 de outubro de

1914). Em 1940, com o início da Segunda Guerra Mundial, Leonard Sale-Harrison sentia que viria o fim por causa daquilo que ele pensou ser o reavivamento do império romano, sob a liderança de Benito Mussolini. Charles R. Taylor propôs a data de 6 de setembro de 1976 como a data do retorno de Cristo. Ele tomou o ano de 1948 como seu ponto inicial, o ano em que foi estabelecido o moderno estado de Israel. Em seguida, interpretou a promessa nosso Senhor: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”, como se significasse que se passaria uma geração após o estabelecimento do estado de Israel. Se considerarmos que cada geração se renova a cada trinta e cinco anos em média, ele chegou ao ano de 1983. Disso ele subtraiu sete anos, porquanto ele afirmava que haverá sete anos de tribulação após o arrebatamento. E assim ele chegou ao ano de 1976 como o ano da segunda vinda de Cristo.

2.5. A Escatologia a Partir do Século XIX: Ortodoxia *Versus* Liberalismo

A escatologia dispensacionalista

O século XIX e a primeira parte do século XX foram ricos em escatologia, tanto no arraial conservador como liberal. Este período marcou o aparecimento do dispensacionalismo baseado na esperança de um futuro milênio. Sua interpretação literal das profecias se contrasta com as interpretações figurativas do pós-milenismo e do amilenismo, bem como dos liberais e dos existencialistas. Também se rejeitou a idéia de que a Igreja tinha tomado o lugar de Israel no plano de Deus e passou-se a ensinar que Deus tinha dois planos, um para Israel e outro para a Igreja. Muitos ensinavam que Jesus, em sua primeira vinda, ofereceu um reino a Israel e instituiu o Sermão da Montanha como sendo as leis desse reino.

Ensinavam que esse reino foi rejeitado e adiado, com o período da Igreja interpondo-se como um parêntese no plano de Deus. Ao final do período da Igreja, Jesus voltará para estabelecer um reino para Israel. Esse reino é mencionado como o “Reino dos céus”, em contraste com o “Reino de Deus”, apesar de os evangelhos mostrarem que essas expressões são usadas alternadamente e significam a mesma coisa.

Um dispensacionalista que se destacou foi John Nelson Darby (1800-1882), cujos escritos embora não tenham um grande conteúdo teológico, exerceu enorme influência sobre os evangélicos, fundamentalistas, e até mesmo pentecostais. Seu sistema de dispensacionalismo⁴¹ foi codificado com modificações em *The Scofield Reference Bible* (especialmente a segunda edição), e, à medida que milhões de exemplares desta edição das Escrituras foram sendo vendidos, espalhou-se o sistema dispensacionalista. Além disso, foi institucionalizado nos institutos bíblicos e em alguns seminários teológicos, e assim recebeu mais divulgação. Essa é a escatologia básica daqueles evangélicos contemporâneos que vêem tanta significação profética na restauração do estado de Israel.

A discussão em torno da escatologia dispensacionalista é apenas uma parte de um debate mais amplo. Durante quase cento e cinquenta anos os teólogos *evangélicos* e *ortodoxos* têm lutado entre si sobre a questão de se as Escrituras ensinam o *amilenismo* (Cristo agora reina na igreja), o *pós-milenismo* (a igreja ganhará o mundo para Cristo

⁴¹ Essa forma de interpretação bíblica surgiu quando o inglês John Nelson Darby começou a reunir um grupo de cristãos insatisfeitos com o cristianismo da época, para ler a Bíblia e celebrar a Ceia do Senhor. Esse grupo passou a ser chamado de *The Brethren (Os Irmãos)*, ou *The Plymouth Brethren (Os Irmãos de Plymouth)*. Os dispensacionalistas insistem sempre na interpretação exata e literal das Escrituras. Eles acreditavam que o “novo Israel” não é a igreja e sim o Israel físico restaurado. Segundo eles, a história de Deus na sua relação com o ser humano é demonstrada em diferentes dispensações e em cada uma delas Deus lida com o ser humano de uma forma diferente. Há vários sistemas dispensacionalistas, mas o mais conhecido de todos aquele que contém sete dispensações, e foi divulgado por Scofield. As dispensações são: 1. Inocência; 2. Consciência; 3. Governo humano; 4. Promessa; 5. Lei; 6. Graça; 7. Reino.

mediante o poder do Espírito; depois, Cristo virá), ou o *pré-milenismo* (Cristo virá pessoalmente para estabelecer seu reino e inaugurar o milênio).

A busca pelo “Jesus histórico” e a visão do Reino de Deus como conceito ético

No segundo quarto da metade do século XIX, houve uma explosão de estudos críticos do Novo Testamento. Isso trouxe a reboque um renovado interesse pelas questões escatológicas. A idéia de que Jesus conhecia o futuro em termos precisos foi abandonada por muitos e teve início uma busca pelo “Jesus histórico”, em contraste com o “Jesus teológico”. Alguns teólogos concluíram que as predições bíblicas sobre o futuro do mundo eram fruto da imaginação da igreja primitiva, em face de seu amargo desapontamento ante o fracasso do aparecimento imediato da *parousia*. E o reino de Deus passou a ser interpretado como o governo presente e imanente do espírito Santo no coração e nas vidas dos homens. Desta forma, o livro de Apocalipse passou a ser desconsiderado nos estudos escatológicos. Quase todas as expectativas da autêntica escatologia foram abandonadas como delírios de indivíduos entusiasmados, mas sem qualquer base na verdadeira inspiração. A escatologia em vez de ocupar uma posição central no ensino de Jesus, passou a ocupar uma posição periférica.

O liberalismo tinha duas plataformas básicas na sua escatologia. De um lado, o reino de Deus como conceito ético, e do outro o *Evangelho Social* que poderia, ou talvez acabaria chegando a cristianizar o mundo inteiro nas suas ordens *social, política e econômica*. Era um ponto de vista otimista quanto à direção da história humana e quanto ao papel do cristianismo. Por outro lado, os teólogos liberais também foram muito atraídos por

uma *doutrina da imortalidade pessoal*. Consideravam que a ressurreição do corpo era uma doutrina materialista e não-cristã, mas tinham uma fé poderosa na imortalidade.

A escatologia consistente

O movimento que foi mais aclamado na escatologia foi o da “escatologia consistente”,⁴² da qual era pioneiro Johannes Weiss (1863-1914), mas que ficou mais famoso por meio de Albert Schweitzer (1875-1965). Weiss afirmava que bem cedo os cristãos conheceram a perseguição, as exigências radicais do martírio, como possibilidade real e próxima. Esta situação de extrema emergência e urgência favorece a atmosfera escatológica. Assim, Weiss pôde reconhecer na ética cristã, estampada no *Sermão da Montanha*, uma “ética de emergência”, assim como também Albert Schweitzer em suas publicações. Num tempo de tribulação, de iminência de morte, nossas energias se concentram em derradeiro esforço e a esperança de uma salvação próxima e de reestruturação total se acende.

Em sua obra *The Quest of the Historical Jesus* (A Busca pelo Jesus Histórico), obra publicada em 1906 que marcou época nos meios acadêmicos do estudo dos Evangelhos, Schweitzer lançou uma bomba no mundo teológico. Ele alegava que a escatologia devia ocupar uma posição central, e não periférica, no ensino de Jesus. Segundo ele, a escatologia ensinada por Jesus era a “chave à correta compreensão de sua vida e de sua doutrina” e *aqueles que não aceitam uma escatologia coerente, centrada nos ensinamentos de Jesus, terminarão caindo no ceticismo*. Segundo ele, os autores do Novo Testamento não nos

⁴² Também conhecida como “escatologia conseqüente”, uma vez que tem sua origem nas perseguições. As perseguições sofridas pelos cristãos teriam influenciado na construção de uma escatologia emergencial como compensação última dos sofrimentos presentes. Sua escatologia seria uma espécie de “sublimação” centrada na concretização das esperanças futuras em contraste com as angústias e dores do tempo presente.

deram um guia seguro para compreendermos a Jesus, mas criaram uma espécie de Jesus teológico que obscureceu sua historicidade. Augustus Nicodemus comenta que:

Schweitzer analisa os esforços de reconstruir a vida de Jesus feitos pelos pesquisadores críticos a começar do século XVII. Os estudiosos críticos justificam a sua busca do “Jesus histórico” afirmando que a Igreja Cristã, pelos seus dogmas e decretos acerca da divindade de Jesus, obscureceu a sua figura humana, e tornou impossível, durante muito tempo, uma reconstrução histórica da sua vida. Essa impossibilidade, argumentam eles, tornou-se ainda mais severa após a Reforma, quando a exegese dos Evangelhos e do Novo Testamento em geral passou a ser controlada pelas confissões de fé e pela teologia. Argumentam que, para que se possa fazer uma reconstrução do Jesus histórico é, portanto, necessário deixar para trás os dogmas e a teologia, e tentar entender e reconstruir o Jesus da história.⁴³

Schweitzer via Jesus como um “fanático” essencialmente escatológico que esperava ver o Reino de Deus irromper a qualquer momento, que veio para proclamar uma crise que resultaria na consumação da história. A ética de Jesus era uma ética interina, a saber: uma ética entre sua pregação e o irromper do Reino. A abordagem escatológica de Schweitzer enfatiza a ação do homem e sua responsabilidade por um mundo melhor, pois se impõe à cristandade o imperativo de abandonar a fé no reino que vem por si próprio e de voltar-se para aquele que está para ser realizado. Em outros termos “o reino de Deus não virá se os homens não o construírem. De esperança, ele deverá passar a ser programa de ação. Quem confiar no agir de Deus, está perdido. Necessário se faz tomar as rédeas do destino nas próprias mãos”.⁴⁴ Ele revela sua desilusão com a suposta escatologia apocalíptica de Jesus, que considera ultrapassada, e argumenta que na questão do reino de Deus, a ação humana é decisiva, enquanto o consolo com a ação de Deus é alienante.

⁴³ Augustus Nicodemus Lopes. *Jesus Apócrifo*. Lista: Cristãos Reformados. <http://www.textosdareforma.net>.

⁴⁴ Brakemeir, 1984, 9.

O conceito de Schweitzer não é geralmente sustentado hoje, mas pelo menos serviu para lembrar aos teólogos liberais que a escatologia é uma parte central da teologia do Novo Testamento e não parte da casca externa que poderia ser facilmente descartada.

A escatologia realizada: uma reação à escatologia consistente

Muitos estudiosos rejeitaram a teoria de Schweitzer, embora tenha exercido uma grande influência. C. H. Dodd, na década de 1930, restaurou um pouco o equilíbrio, ao mostrar que o Novo Testamento, sobretudo no livro de Atos e nas epístolas paulinas, já fala sobre um reino que nos é acessível, que não espera por eventos cataclísmicos para tornar-se uma realidade espiritual. Em outras palavras, desde “agora” já existe um reino pelo qual podemos e devemos viver e lutar. Não podemos preocupar-nos somente com uma expectativa futura ou esperança escatológica de que o reino de Deus virá. O reino de Deus (*Basiléia*) não é algo que está para vir, mas uma “experiência presente”, porque veio com Jesus.⁴⁵ Com base nisso, Dodd procurou mostrar que Jesus, através de seu nascimento, vida, morte e ressurreição, deflagrou uma série de eventos que trouxeram o reino de Deus até os homens. No dizer de Dodd, os ensinamentos apocalípticos de Jesus não eram realmente seus e, sim, da igreja primitiva, mas postos nos lábios de Jesus. Essa teoria passou a ser conhecida como escatologia realizada.⁴⁶

A tensão entre o “já” e o “ainda não”

⁴⁵Dodd, C. H. *The Parables of the Kingdom*. Welwyn: [s. n.], 1935 (1958), 44. Citação conforme Hoekema, 1989, 392-7.

⁴⁶Id., *ibid.*, 51.

Oscar Cullman com a dialética do “já” e “ainda não” realiza uma síntese maravilhosa das idéias de Dodd e Schweitzer. Segundo ele, a escatologia já se realizou em Jesus (Dodd), uma vez que o próprio Jesus é a palavra de Deus escatológica, última e definitiva. Mas ainda não se realizou plenamente (Schweitzer). A batalha decisiva está ganha, mas a guerra ainda não terminou. Presente e futuro não são alternativas. A principal marca da escatologia de Jesus é ser o reino de Deus anunciado ao mesmo tempo como presente e futuro. Em sua opinião escatologia é o mesmo que *Heilsgeschichte* (história da salvação), que alude ao “já” (a primeira vinda de Cristo) e ao “ainda não” (a segunda vinda de Cristo, ou *parousia*).

A escatologia neo-ortodoxa de Karl Barth

Karl Barth entra em cena e reage contra o protestantismo cultural, em nome da intuição inicial dos reformadores. Com sua teologia dialética, *estabelece uma ruptura radical entre tempo e eternidade, afirmando que a escatologia é a própria transcendência de Deus*. Por isso, o *eschaton* não é um evento temporal, quantitativo, mas qualitativo. É a presença do Eterno de Deus que põe em crise todo o temporal, que faz explodir o *não-ser* de nossa realidade, que revela a nulidade da história humana que é meramente temporal.

A espiritualização da escatologia

Seguindo o pensamento inicial de Dodd, John Arthur Robinson escreve o livro *In The End, God*, onde defende a idéia que a *parousia* de Cristo deve ser entendida não como uma série de futuros eventos literais, mas antes, como “o que deve acontecer, e já está acontecendo, todas as vezes que Cristo se manifesta em amor e poder, onde possam ser detectados os

sinais de sua presença, sempre que as marcas de sua cruz puderem ser vistas. *O Juízo Final* seria um quadro dramatizado e idealizado de todos os dias”

A existencialização da escatologia e a “demitização” bultmanniana

A escatologia tradicional estava voltada para responder as perguntas sobre as relações com o além. Essas perguntas eram formuladas de diferentes maneiras, pois ora vinham da consciência de nossa fraqueza, projetando então para o futuro a compensação última dessa miséria; ora se configuravam como tentativa de assegurar, já aqui nessa Terra, a vida futura. A consciência da fraqueza humana vinha sendo alimentada por duas fontes de experiências: medo e culpabilização. Vivia-se verdadeira “onipresença” do medo, fundada na deficiência técnica para enfrentar as ameaças de catástrofes naturais, de epidemias, de inseguranças sociais. Esse medo permitia facilmente dar salto à Transcendência e abrir as portas para o discurso escatológico tradicional. A culpabilização reforçava o sentimento de fraqueza que se expressa através da consciência das próprias falhas e pecados diante de Deus. O contraste entre a majestade divina e a nossa pequenez, o movimento de introspecção, que nos revela nossa impotência, abrem espaços para as respostas escatológicas. Na escatologia tradicional as respostas vinham repletas de imagens, figuras ou representações, mitos que sustentavam o medo e a culpabilização. Mas o setor da culpabilização sofreu enorme transformação por conta do avanço das práticas psicológicas, sobretudo psicanalíticas, e pelo fenômeno da liberação criado por elas. Assim, todo esse imenso e profundo fenômeno

da culpabilização desloca-se do campo religioso para o da patologia, abrindo espaço para um processo de demitização.

Rudolf Bultmann foi o grande gestor do programa de “demitização” (ou desmitologização) da Bíblia e, conseqüentemente, da escatologia. Ele captou com exatidão o fim de uma problemática e o início da nova pergunta moderna por uma compreensão da escatologia fora dos moldes descritivos e imaginosos. Libânio e Bingemer ajudam-nos a compreender melhor os aspectos que pavimentaram a estrada para a demitização bultmanniana. Segundo eles, a pergunta por uma “configuração descritiva do destino final do cosmos” fundamentava-se numa imagem pré-galileana do mundo e num universo sagrado de significações. A revolução galileo-copernicana desestrutura essa figura do mundo que sustenta as descrições apocalípticas. Segundo esta, o céu se situa na parte superior com o trono de Javé no seu ápice, tendo abaixo de si os diferentes coros angélicos em diferentes ordens de dignidade. Os mais dignos - querubins e serafins - ladeiam o trono de Deus. Esse céu sustenta-se apoiado sobre as colunas da Terra, como firmamento fixo, firme. As nuvens são os carros de Javé. Do firmamento pendem os astros. O andar intermediário é a Terra. Plana, limitada, palco da vida humana. Embaixo está o sheol, a mansão dos mortos. Lugar escuro, tenebroso onde não se louva a Deus, vive-se uma semivida (Sl 6. 6; 30. 10; Ez 28. 8; Dt 32. 22; Jó 26. 5; 38. 16ss; Sl 88. 7, 10, 13). Imaginemos Javé deixando seu trono, agitando o firmamento com sua corte angelical. Facilmente entenderemos que os astros dependurados do firmamento desabem sobre a Terra,

destruindo-a, incendiando-a, reduzindo-a a cinzas com seu fogo. Os céus escurecem-se pela queda de luminares em contraste com a luminosidade de Javé.⁴⁷

A evolução da imagem pré-científica do mundo, construída pela razão antiga, para a representação moderna e inaugurada pela revolução copernicana, caracteriza-se como passagem de um cosmos idealizado pela contemplação teórica a um mundo de leis teoricamente reconstruído no sentido moderno do modelo matemático. Desta forma, Libânio e Bingemer concluem que:

As afirmações escatológicas da Escritura enquanto formuladas dentro do quadro do cosmos antigo necessitam ser desmitologizadas. Pois, de fato, os homens do mundo atual, que tiveram algum contato com o pensamento científico, mesmo nas formas vulgarizadas pelos grandes meios de comunicação de massa, já não pensam o cosmos dessa maneira. Há, portanto, a necessidade de uma desmitologização da linguagem escatológica.⁴⁸

Bultmann eliminou o conteúdo imaginário da escatologia e acabou reduzindo-a ao momento existencial. Ele existencializou o *eschaton* (o Futuro Absoluto), interpretando-o como a passagem de uma existência não-autêntica (sem fé) para uma existência autêntica (de fé); um deslocamento do *eon* antigo (passado de pecado) para o *eon* futuro (livre do pecado). A demitização passou a ser a expressão do esgotamento de uma escatologia tradicional, onde o *Eschaton* é reduzido ao confinamento da existencialidade, sendo retirado de um horizonte pré-moderno e colocado como pergunta radical à nossa existência, exigindo uma resposta pessoal. Isso levantou a questão metafísica da própria estrutura do conhecimento, no sentido de se nossas idéias não necessitam de elemento visual, representativo, uma vez que o Futuro Absoluto, o *Último* de todas as coisas não pode ser

⁴⁷ Libânio e Bingemer, 1985, 24.

⁴⁸ Id., *ibid.*, 25.

pensado sem um mínimo de representação. Por outro lado, as imagens, as representações não significam necessariamente a maneira pré-moderna e pré-científica de conhecer que deve ser superada, mas elemento necessário do nosso conhecimento. A realidade pensada recorre a elas como ajuda. Podemos e devemos ir corrigindo as imagens, mas nunca prescindiremos totalmente delas. As imagens, porém, permanecem imagens e não valem, nem substituem a realidade pensada.

Augustus Nicodemus conclui que:

O Jesus reconstruído pelos liberais parecia mais o fruto da obstinação dos mesmos do que de uma séria pesquisa científica. O trabalho de Bultmann e Karl Barth pôs um fim honroso à “busca” agonizante e declarou-a uma empreitada inútil. A falta de consenso entre os estudiosos, a natureza altamente especulativa dos seus métodos e a impossibilidade de provar as hipóteses levantadas para explicar o surgimento do relato dos evangelhos, acabaram por encerrar a busca.⁴⁹

Escatologia “à brasileira”: uma influência católico-romana

Enquanto toda esta discussão borbulhava nos Estados Unidos e na Europa durante o século XIX, no Brasil prevaleciam as estruturas e conceitos medievais que davam lugar ao imaginário religioso tradicional como resposta às perguntas escatológicas. Aqui, a presença histórica desse imaginário é fruto da influência católico-romana que impôs a rigidez, a terribilidade das condenações, das penas do inferno e do purgatório. Os movimentos populares, por sua vez, trazem marcas escatológicas. Queiroz em sua obra *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, apresenta um grande elenco de movimentos messiânicos no Brasil nos dois últimos séculos. Um dos mais relevantes pela sua dimensão social e conteúdo

⁴⁹ Augustus Nicodemus Lopes. *Jesus Apócrifo*. Lista Cristãos Reformados. <http://www.textosdareforma.net>.

religioso é o movimento que produziu a *Guerra de Canudos*, no sertão brasileiro.⁵⁰ Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*, descreve esse movimento que traz em si as marcas de uma cosmovisão escatológica. Tudo inicia com um pregador leigo, popular, Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgarmente conhecido por Antonio Conselheiro. Pelos anos de 1873, Antonio Conselheiro inicia sua vida de peregrino, de beato. O conteúdo das suas prédicas reflete toda uma escatologia circunstancial face ao clima iminente de destruição de Canudos cuja causa era liderada por Antonio Conselheiro. Face essa esfera apocalíptica, Conselheiro, com a sua linguagem grotesca e semi-analfabeta, admoesta os seus fanáticos seguidores dizendo:

Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão, então o certão virará praia e a praia virará certão. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças. Em 1899 ficarão as águas em sangue e o planeta hade aparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu [...] Hade chover uma grande chuva de estrelas e ahi será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra deste aprisco e é preciso que se reunam porque há um só pastor e um só rebanho!”⁵¹

A essas profecias escatológicas, ajuntou-se também o mito sebastianista e a rejeição da República, que se tinha proclamado no Brasil em 1889. Este mito anuncia a aparição de D. Sebastião das ondas do mar com todo o seu exército. Em trovas populares dos adeptos desse reino messiânico, a ser introduzido por D. Sebastião, como a antecâmara do Éden, a nova terra de Canaã, lemos versos significativos, reproduzidos por Euclides da Cunha:

⁵⁰ Queiroz, 1965, 406.

⁵¹ Cunha, 1979, 109; 115.

D. Sebastião já chegou e traz muito regimento, acabando com o civil e fazendo o casamento! O Anti-Christo nasceu para o Brazil governar, mas ahi está o Conselheiro para delle nos livrar! Visita nos vem fazer nosso rei D. Sebastião, coitado daquele pobre que estiver na lei do cão! Sahiu D. Pedro Segundo para o reyno de Lisboa, acabosse a monarquia, o Brasil ficou atôa! Garantidos pela lei aquelles malvados estão, nós temos a lei de Deus, elles tem a lei do cão! Bem desgraçados são elles para fazerem a eleição abatendo a lei de Deus suspendendo a lei do cão! Casamento vão fazendo só para o povo iludir, vão casar o povo todo no casamento civil!⁵²

O beato peregrino Antonio Conselheiro, depois de mais de 20 anos de peregrinação pelo sertão, funda na velha fazenda Canudos, à margem do Vaza-Barris, o arraial de Belo Monte, em 1893. Ali, o “Paraíso Terrestre” se colocava ao alcance dos fiéis. Até sua destruição pelo exército brasileiro, após vergonhosas derrotas sofridas, em 1897, os fiéis seguidores do Conselheiro viveram uma experiência escatológico-messiânica. A figura do Conselheiro assumiu todas as características míticas de santo, de homem “sobrenatural”, o que era corroborado por sua vida extremamente “sóbria, pobre, austera e piedosa”. O Conselheiro chega a ser identificado com Santo Antonio Aparecido. Uma quadrinha popular reflete bem esse clima: “Do céu veio uma luz que Jesus Cristo mandou; Santo Antonio Aparecido dos castigos nos livrou. Quem ouvir e não aprender, quem souber e não ensinar, no dia do Juízo, sua alma penará”.⁵³

⁵² Id., *ibid.*, 138-9. O sebastianismo é um mito que se criou em torno da figura de D. Sebastião, rei de Portugal, morto em Alcácer-Quibir, de que ele apareceria redivivo para libertar Portugal da dominação do Reino de Espanha. D. Sebastião foi pouco a pouco adquirindo vida no meio popular, transformado em personagem mitológico. Este mito terá vindo, provavelmente, através da presença portuguesa no Brasil. Evidentemente a “lei do cão” mencionada no texto é a República que sofria oposição religiosa.

⁵³ Cunha, 1979, 132.

3 - BREVE ANÁLISE DA ESCATOLOGIA REFORMADA

3. 1. O Lugar da Escatologia na Academia Teológica

Pode-se dizer que a questão escatológica é algo natural, não sendo uma especificidade da religião cristã. Os temas escatológicos estão presentes em todas as seitas e grupos filosóficos que se dedicam a uma reflexão séria sobre a vida humana e o seu futuro.

Certa vez o bispo Ambrósio dialogava com Agostinho, que estava iniciando na fé cristã. “O que deseja saber?”, perguntou Ambrósio. “De Deus e da alma”, respondeu Agostinho. “Nada mais?”, perguntou Ambrósio. “Nada mais”, respondeu Agostinho. Como podemos ver, a escatologia era um dos temas que incomodava o coração de Agostinho.

Assim também acontece conosco e com todo mundo. Todavia, os antigos teólogos reformados não se preocuparam em desenvolver a escatologia. Em geral, a escatologia era mantida como parte de uma disciplina teológica. Ora com a dogmática, ora com a soteriologia. Ou seja, ao mesmo tempo em que era uma área interdisciplinar porque “dialogava” com as demais disciplinas teológicas, também era mantida como uma área intradisciplinar, permanecendo sob o jugo de uma disciplina teológica.⁵⁴ Isto não permitiu o avanço da escatologia como disciplina do currículo teológico e trouxe como consequência uma incompreensão dos seus temas.

⁵⁴ Ainda hoje a escatologia permanece uma área intradisciplinar, mantendo-se sob o jugo da disciplina de teologia sistemática.

É provável que o fato de os reformadores não se aprofundarem nos temas escatológicos tenha contribuído para o surgimento da teologia liberal que deixou suas marcas profundas na história da Igreja e restringiu a escatologia a uma visão puramente ética do reino de Deus. Talvez a ausência de uma esperança escatológica mais sólida, mais descritiva (e não tanto normativa como se propõe a teologia dogmática), tenha sido um dos principais fatores que influenciaram no “surrealismo” escatológico que brotou das reflexões livres do século passado.

Berkhof corrobora nosso argumento ao declarar que “a escatologia é a menos desenvolvida de todas as áreas da dogmática”.⁵⁵ Os reformadores concentraram suas reflexões em torno da soteriologia e procuraram desenvolver a escatologia a partir deste ponto de vista. Assim, a escatologia foi considerada por muitos teólogos reformados como um apêndice da soteriologia. O fato é que a teologia reformada tem uma dívida histórica com a escatologia. A Reforma adotou o que a igreja primitiva ensinou acerca do retorno de Cristo, a ressurreição, o juízo final e a vida eterna, opondo-se ao quilianismo das seitas anabatistas e o conceito de purgatório dos romanistas. Entretanto, a dívida ainda existe.

Berkhof argumenta que:

Difícilmente pode-se dizer que as igrejas oriundas da Reforma tenham feito muito pelo desenvolvimento da escatologia. Esta ressurgiu no pietismo quilianista. O racionalismo do século XVIII reteve da escatologia a idéia estéril de uma imortalidade sem cor; uma mera sobrevivência da alma após a morte. Sob a influência da filosofia evolucionista e seu ideal de progresso infinito, a escatologia tornou-se antiquada e decadente. A teologia ignorou por completo os ensinamentos escatológicos de Jesus e concentrou toda a sua ênfase nos preceitos éticos. Como resultado, não existe nada que seja digno do nome da escatologia.⁵⁶

⁵⁵ Op. cit., 795.

Brakemeier concorda com Berkhoff. Segundo ele, “Escatologia cristã não se resume numa esperança individual e pós-mortal, nem tampouco tem como objetivo primeiro a beatitude pessoal numa nova forma de existência”.⁵⁷ Escatologia é uma área multidisciplinar que compreende muito mais do que a simples expectativa de morte, ressurreição e regeneração.

A escatologia como área interdisciplinar revela a sua importância a partir do momento que todas as outras disciplinas deixam de responder algumas perguntas. Estas serão respondidas pela escatologia. Por exemplo, na teologia, o problema é de que modo Deus será glorificado de maneira perfeita e definitiva através da sua obra; na antropologia, o problema é como a influência do pecado será eliminada por completo; na cristologia, o problema é de que modo a obra de Cristo será coroada com vitória perfeita; na soteriologia, o problema é de que maneira a obra do Espírito Santo desembocará na redenção completa e glorificação do povo de Deus; e na eclesiologia, o problema que exige resposta é a apoteose final da Igreja. Todas essas perguntas devem encontrar respostas na escatologia, uma vez que ela trata da consumação de todas as coisas.

Para fins didáticos, a escatologia reformada é dividida em duas seções: escatologia geral e individual.

Escatologia geral

Genericamente, o termo *escatologia* chama a nossa atenção para o fato de que a história do mundo e da raça humana terá uma consumação. Segundo Berkhof, “Não é um processo

⁵⁶ Op. cit., 794.

⁵⁷ Brakemeier, 1986, 7.

indefinido e interminável, e sim uma história verdadeira que se move até um fim divinamente determinado”.⁵⁸ Esse fim virá como uma grande crise, e os fatos e eventos associados a esta crise formam o conteúdo da escatologia. O retorno de Cristo e os eventos relacionados com a Sua vinda, bem como as implicações para a humanidade constituem a escatologia geral que, no dizer de Berkhof, é “uma escatologia na qual estão incluídos todos os homens”.⁵⁹

Escatologia individual

Para o indivíduo, a vida presente termina com a morte que o introduz na vida futura, que é a eternidade. Os temas relacionados com a condição do indivíduo entre a sua morte e ressurreição, pertencem à escatologia pessoal ou individual.

3.2. Verdades escatológicas

A vida humana começa aqui neste mundo, mas não encontra nele todo o seu desenvolvimento. Tanto a vida cristã como a vida de pecado só serão completas na existência além túmulo. *Há três verdades escatológicas incontestáveis a respeito da vida após a morte:*

1. O triunfo do reino de Cristo,
2. A vitória da vida sobre a morte através da ressurreição,
3. O princípio de julgamento.

⁵⁸ Loc. cit., 798.

⁵⁹ Loc. cit., 798.

3.3. A escatologia judaica

A escatologia judaica era desenvolvida à luz da interpretação de três diferentes partidos religiosos:

1. *Os saduceus*: materialistas, que não criam na ressurreição, nem nos anjos, nem nos espíritos;
2. *Os essênios*: que criam na salvação eterna dos justos e no castigo eterno dos ímpios;
3. *Os fariseus*: que criam na ressurreição do corpo (At 26. 6), na imortalidade da alma, na bem-aventurança dos justos e na eterna perdição dos maus. A regra de fé e fonte de conhecimento religioso dos judeus era as Escrituras.

3.4. A morte

A Bíblia descreve a morte através das seguintes expressões:

1. Partir do mundo (2 Tm 4. 6),
2. Unir-se a seus pais (Dt 32. 50),
3. Desfazer-se a casa terrestre desta morada (2 Co 5. 1),
4. Tomar-se pó (Ec 12. 7),
5. Um sono (Jo 11. 11),
6. Render o espírito (Jo 19. 30),
7. Dormir em Jesus (1 Ts 4. 14).

3. 5. Diferentes sentidos de morte

A Bíblia descreve a morte em diferentes sentidos. São eles:

1. *Morte física* - a separação da alma do corpo, que vem ao ser humano como punição devida ao seu pecado. Para aqueles que estão unidos a Cristo, a morte perde o sentido de pena e castigo, tornando-se um meio de entrada na vida eterna (Sl 116. 15; Rm 14. 7, 8);
2. *Morte espiritual* - a separação da alma de Deus (Is 59. 2; Rm 7. 24; Rm 8. 10; Ef 2. 1);
3. *A Segunda Morte* - o desterro da presença de Deus e a miséria final que sofrerão juntamente a alma e o corpo dos ímpios (Ap 2. 11; 20. 14; 21. 8). É uma continuação da morte espiritual em uma outra existência sem fim.

3. 6. O estado intermediário da alma

A alma continua a existir após a morte pelas seguintes razões:

1. O ser humano foi criado para ser eterno, à semelhança de Deus. Porém, o pecado frustrou esse ideal. A alma, em sua natureza, reivindica a continuação de sua existência para a satisfação dos seus ideais.⁶⁰

⁶⁰ Veja o Sl 42. 1, 2 que diz: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus.

2. A justiça não é plenamente aplicada neste mundo. Há pessoas boas e bem intencionadas que sofrem muito, e há pessoas más que levam uma vida de prazer. Nosso senso de justiça nos revela que deve haver uma vida futura em que o exercício da justiça divina será plenamente aplicada.⁶¹
3. Todos os povos, de todos os tempos, têm crido na existência da alma após a morte. Isto é uma prova de que a idéia da imortalidade da alma é algo natural.
4. Quando Cristo veio, os judeus, com exceção dos saduceus, criam numa vida futura.

3.7. O destino dos justos

A Bíblia apresenta as seguintes declarações a respeito dos justos:

1. A alma do crente, em sua separação do corpo, entra na presença de Cristo (2 Co 5. 1-8; Lc 23. 42, 43; Jo 14. 3; At 7. 56, 59; 2 Tm 4. 18; Rm 8. 38, 39).
2. Os espíritos dos crentes que morrem estão com Deus (Hb 12. 21-23; Ec 12. 7).
3. Os crentes, após a morte, entram no paraíso (Ap. 2. 7).
4. O seu estado após a morte é preferível ao dos crentes neste mundo (Fp 1. 21-23).

⁶¹ Ver o lamento do profeta Habacuque quando diz a Deus: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar; por que, pois, toleras os que procedem perfidamente e te calas quando o perverso devora aquele que é mais justo do que ele?” (Hc 1. 13).

5. Os crentes que morreram estão em estado vivo e consciente (Mt 22. 31, 32; Lc 16. 19-22; Jo 11. 25, 26; Ap 6. 9-10).⁶²
6. Os crentes que partiram estão gozando de descanso e de bênçãos (Ap 6. 11; 14. 13).

3. 8. O destino dos ímpios

A Bíblia apresenta as seguintes declarações a respeito dos ímpios:

1. Estão conscientemente em tormentos (Lc 16. 23, 24; Ap 20. 10; 21. 8).
2. Estão sob castigo (2 Pe 2. 9).

3. 9. A segunda vinda de Cristo

Afirmações bíblicas, razões e implicações:

1. Será de modo literal e visível.
2. A necessidade da redenção do corpo, uma vez que a alma já foi redimida (Rm 8. 21-23).

⁶² Há uma corrente antibíblica chamada “imortalidade condicional” que ensina que a alma humana não é essencialmente imortal. Desta forma, aqueles que são condenados, no Julgamento, experimentam o aniquilamento; enquanto os justos recebem imortalidade. É uma versão modificada da *Doutrina do Aniquilamento ou Aniquilacionismo*, que ensina que todas as almas são imortais, mas os ímpios perdem sua imortalidade no Julgamento. O *Aniquilacionismo* é defendido por teólogos respeitáveis como John Stott que veio duas vezes ao Brasil: em 1980, para o Congresso nacional da Aliança Bíblica Universitária, no Recife, e em 1989, para o Congresso Vinde para Pastores e Líderes. Nesta última, confessou-se incomodado com a deselegância de alguns dos nossos fundamentalistas que insistiam em questionar as suas simpatias para com a escatologia aniquilacionista (“segunda morte” – destruição de Satanás, dos anjos caídos e dos perdidos). Para mais informações, ver Robinson Cavalcanti, *John Stott – Estadista do Reino de Deus*, em *Revista Ultimato*. (Viçosa, MG: Ultimato Editora., Ed. maio/jun. 2001), p. 47.

3. Ocorrerá em cumprimento à promessa feita pelo próprio Cristo de que Ele “virá do modo” como foi assunto ao céu (At 1. 9-11).
4. Ninguém sabe o tempo em que Cristo voltará. Esse tempo ficou reservado ao sábio e santo conselho de Deus para que assumamos uma atitude de vigilância espiritual, aguardando a sua vinda a qualquer instante (Mt 24. 32-44; At 1. 6, 7).
5. A segunda vinda de Cristo não acontecerá *antes* da “manifestação do Anticristo” (2 Ts 2. 1-6).⁶³

3.10. A ressurreição dos mortos

A palavra ressurreição vem do grego *anastasis*, que significa “*um levantar ou levantar-se*”. Podemos destacar as seguintes verdades bíblicas sobre a ressurreição:

1. Será uma ressurreição física e literal (Rm 8. 11; Fp 3. 21).
2. Seremos revestidos de um “novo corpo” (1 Co 15. 37).⁶⁴
3. O corpo da ressurreição não estará sujeito a limites físicos e materiais (Lc 24. 39; Jo. 20. 19).
4. Haverá duas ressurreições: a dos *justos* e a dos *ímpios* (1 Ts 4. 16, 17; Lc 20. 35, 36; 1 Co 15. 23; Ap 20. 4-6)

⁶³ Se o “último” e mais temível Anticristo se manifestar durante a “Grande Tribulação” conforme os escritos apocalípticos, conclui-se que Cristo virá *após* a grande tribulação. Resta saber se ele virá antes ou após o “milênio”. Isto se considerarmos o milênio como um período literal e cronológico de mil anos.

3.11. Diferentes interpretações sobre o milênio

É de conhecimento geral que as diferentes interpretações sobre o milênio começam a partir da metodologia aplicada na interpretação dos textos escatológicos e apocalípticos. Quanto ao método, há intérpretes que são literalistas. Eles usam os textos como se fossem equações matemáticas, estabelecendo datas e dando sentido literal. Há outros que pendem para uma interpretação puramente simbólica, e outros que espiritualizam o texto, fazendo inserções e dando significados estranhos. Quanto ao livro de Apocalipse, há os preteristas que acham que a sua narrativa refere-se apenas ao momento histórico da época de João.

Basicamente, existem três escolas escatológicas sobre o milênio. São elas: *Pré-milenismo*, *pós-milenismo* e *amilenismo*. Cada uma faz a sua própria leitura sobre o tema.

Pré-milenismo

A ênfase básica do pré-milenismo é a idéia de que a segunda vinda de Jesus ocorrerá antes do milênio. Subdivide-se em *pré-milenismo histórico* e *dispensacionalista*.

1. *Pré-milenismo histórico*: Interpretação espiritualista; afirma que o milênio é literal e será inaugurado na Segunda Vinda de Cristo; contesta a distinção entre Israel e a igreja; rejeita a idéia da reconstrução do templo judeu e o sistema de sacrifícios do VT; advoga que qualquer doutrina do milênio deve basear-se no NT e que as profecias do VT devem ser vistas à luz do NT, e

⁶⁴ Não significa que receberemos um outro corpo, mas sim, que teremos o corpo atual transformado por ocasião da ressurreição. Portanto, haverá tanto continuidade como descontinuidade entre o corpo atual e o

não o contrário; nega que muitas profecias do VT predizem o milênio; sustenta a salvação literal de Israel, como povo, e afirma que ele continua sendo povo eleito de Deus.

2. *Pré-milenismo dispensacionalista*: Interpretação literalista; divide a história em sete dispensações e afirma que o milênio será inaugurado quando Cristo voltar e passará a reinar em Jerusalém com os santos ressurretos e os transformados durante mil anos; sustenta a distinção entre Israel e a igreja; afirma que o templo judaico será reedificado e o sistema sacrificial, restaurado; encaixa o NT no VT.

Pós-milenismo

A ênfase do pós-milenismo é a idéia de que a segunda vinda de Jesus ocorrerá após o milênio. Subdivide-se em duas correntes: *conservadora e humanista*.

1. *Pós-milenismo conservador*: Admite que o reino de Deus está sendo progressivamente implantado, fecundado pela ação do Espírito Santo, continuando até que o mundo seja totalmente cristianizado. O período de mil anos é mais extenso e será marcado por uma explosiva manifestação das forças do mal, juntamente com o Anticristo. Segue-se, então, o advento de Cristo.
2. *Pós-milenismo humanista*: Surgiu na Holanda após o movimento da Reforma, expressando-se como uma filosofia racionalista do século XVI. Contrariando os ensinamentos bíblicos, sustentava o surgimento de uma “nova

corpo ressuscitado.

era” pelo caminho de uma evolução engendrada exclusivamente pelo homem. Sua influência não foi muito forte e acabou desaparecendo.

Amilenismo

Em sua forma original, esta teoria afirma que a Bíblia não prediz milênio algum, nem para antes, nem para depois da segunda vinda de Cristo; que não foi revelado ao homem nenhum programa das eras; que Cristo voltará visivelmente, mas ninguém sabe o tempo nem os acontecimentos preliminares. Essa vinda será a consumação da história terrena; e a Bíblia apenas prediz a segunda vinda de Cristo, mas não dá detalhes sobre acontecimentos que precedem ou que sucedem esse fato.

Milenismo inaugurado

Etimologicamente, a palavra *amilenismo* significa “não aceitação do milênio”. Os partidários desta escola trazem consigo uma grande dicotomia. Por um lado, adotam uma postura de negação, afirmando que não haverá milênio, e por outro sustentam um conceito que afirma e justifica o milênio. *Esta posição é geralmente adotada por alguns cristãos reformados.*

Negação do milênio: A negação da existência de um milênio, no sentido cronológico, é sustentada pelos seguintes argumentos:

1. O testemunho dos símbolos de fé: A Confissão de Fé, Catecismos Maior e Menor não sugerem a idéia de um reino milenar de Cristo.
2. O silêncio das igrejas protestantes reformadas acerca do milênio.

3. Os ensinamentos dos apóstolos, inclusive Paulo, não abordam o milênio uma vez que havia uma forte expectativa de que Cristo retornaria em breve.

Afirmção do milênio: Discorda do termo “amilenismo”, substituindo-o pela expressão “milenismo inaugurado”.⁶⁵ Esta posição baseia-se nos seguintes argumentos:

1. A expressão “mil anos” ocorre seis vezes nos primeiros versos de Ap 20 (vv. 2, 3, 4, 5, 6,7). Logo, não há como negar este evento.
2. A chave da interpretação está na compreensão de Ap 20. 1-10, e na forma de conceituar o milênio.
3. O milênio e a “prisão de Satanás” (Ap 20. 1-3). Esta revelação “retrogressiva” cumpriu-se com a vinda de Jesus. A este período chamamos “milênio inaugurado”. O período desta “prisão” se estenderá na Terra até bem próximo da segunda vinda de Cristo.
4. Até a segunda vinda de Cristo a atuação de Satanás não será totalmente anulada, nem ele será definitivamente vencido, embora esteja “preso” ou impedido de agir na sua plenitude (Cf. Jd 6; 2 Pe 2. 4).
5. O milênio e o reinado dos santos com Jesus (Ap 20. 4-6). João também nos apresenta a visão do milênio no céu onde se dará o reinado dos santos com Jesus. É o mesmo milênio visto de dois ângulos distintos. O milênio na Terra termina um pouco antes do segundo advento, enquanto o do céu prolonga-se até o segundo advento.

⁶⁵ Atualmente, muitos cristãos reformados já estão adotando esta corrente. Em geral, os cristãos reformados se dividem entre amilenistas e milenistas inaugurados.

6. A libertação e a derrota final de Satanás (Ap 20. 7-10). Após “mil anos”, Satanás é libertado da “prisão” por pouco tempo. Inicia-se um breve período em que ele desencadeará contra a igreja o mais feroz ataque. Este ataque é símbolo do período de grande aflição sofrido pelo povo de Deus na velha dispensação, havendo semelhança entre o que já aconteceu e o que acontecerá no fim.
7. A luta terrível dos inimigos contra a igreja será instantaneamente encerrada com a destruição de todos os inimigos, surgindo então o “novo céu” e a “nova terra”, não por mil anos, mas para sempre.

3. 12. A “Nova Terra”: Nosso Santuário Escatológico e Morada Eterna

Temos pregado que um dia todos os crentes salvos, eleitos, irão para o céu, e ali habitaremos para sempre. Será que esta idéia está de acordo com a escatologia bíblica? É claro que não. A Bíblia ensina que os crentes irão para o céu ao morrerem e estarão felizes durante o estado intermediário entre a morte e a ressurreição. Entretanto, sua felicidade só será completa quando alcançarem a ressurreição do corpo e passarem a habitar na “nova terra” que não será outra senão o planeta Terra que nós habitamos hoje, porém, definitivamente restaurado pela obra redentora de Cristo.

À luz de Apocalipse 20 e outras passagens bíblicas nós passaremos a eternidade na “nova terra” que será uma extensão do “novo céu” (Cf. Ap 21. 1-3 e Is 65. 17). O Céu (paraíso de Deus) e o planeta Terra se fundirão em um cenário único. Haverá uma fusão do universo espiritual com o material. Isto só acontecerá quando Deus tiver redimido toda a

criação dos efeitos do pecado (Cf Rm 8. 18-23).⁶⁶ Edward Thurneysen defende a idéia de que “o mundo no qual entraremos não é um outro mundo; é este mundo, este céu [firmamento], esta Terra; ambos, porém, já passados e transformados”. Isto significa que na “nova terra” teremos estas florestas, estes campos, estas cidades, estas ruas, este povo, que constituirão o cenário da redenção. No momento, eles são campos de batalha, cheios de luta e dor pela consumação ainda não realizada: então eles serão campos de vitória, “campos de colheita, onde da semente que foi semeada com lágrimas os molhos eternos serão ceifados e trazidos para casa”.⁶⁷

Uma coisa é certa: Se Deus não quisesse que o planeta Terra permanecesse o lar da humanidade, ele não o teria criado. Ele simplesmente manteria o homem no céu como fez com os seres angelicais. Portanto, não existe coerência bíblica na crença de que o mundo terá fim. O que Deus criou é eterno. Esta afirmação nos arremete para as profecias do Velho Testamento que falam de um futuro glorioso para a Terra. Elas dão a entender que o “paraíso perdido” será restaurado. Contextualizando, diríamos que a Terra se tornará muito mais produtiva do que é agora, que o deserto florescerá como a rosa, que o lavrador ultrapassará o ceifeiro, os soldados queimarão as suas fardas ensanguentadas e transformarão as suas armas em arados, o “lobo” e o “cordeiro” comerão juntos, o “gato e o rato” partilharão do mesmo pedaço de queijo e beberão do mesmo leite. Não mais será ouvido o som do choro, os gemidos de sofrimento, e ninguém ferirá ou destruirá algo nessa Terra porque estará “cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar”. (Is.)

⁶⁶ A posição de que a nova terra será a terra atual renovada é claramente afirmada por um famoso credo da Reforma, a Confissão Belga, Artigo 37, parágrafo 1, onde registra que “Cristo voltará queimando este velho

Razões científicas que justificam a permanência da Terra

Mas quais as razões que justificam a permanência da Terra como a habitação eterna dos remidos? Cremos que existem razões múltiplas, até mesmo de ordem científica. *A primeira razão é que nós somos fruto de uma combinação única em todo o universo.* Ou seja, supostamente não existe mais ninguém em todo universo além de nós. Ultimamente tem-se falado muito em seres extraterrestres, colonização interplanetária, OVNI's, e cada vez que nós contemplamos uma noite de céu estrelado, a primeira questão que pode vir às nossas mentes é: Se há tantas galáxias no universo, por que só nos estamos aqui?

Por mais estranho que pareça, esta pergunta tem uma intrínseca relação com a escatologia. Nos últimos anos, a curiosidade pela descoberta de vida inteligente em outro planeta tornou-se quase obsessiva. O paleontólogo Peter Ward e o astrônomo Donald Brownlee, ambos da Universidade de Washington, publicaram o livro *Rare Earth - Why Complex Life Is Uncommon in the Universe* (Terra Rara - Por que a Forma Complexa de Vida é Incomum no Universo), que alcançou o oitavo lugar entre os mais vendidos nos Estados Unidos. Com base nas descobertas científicas recentes, Ward e Brownlee sustentam que a hipótese de vida inteligente fora da Terra é quase nula. Em entrevista a *Revista VEJA* (15/03/00) Ward declarou que “somos produto de um lance de sorte, uma combinação única de fatores que não se repetem em nenhum outro lugar do universo conhecido”.⁶⁸ Segundo Ward, há toda a probabilidade de que possamos encontrar fora da Terra e mesmo em nosso sistema solar, tipos de vida como micróbios ou bactérias. É possível que existam microrganismos no subsolo de Marte ou embaixo da camada de gelo

... mundo com chamas de fogo para purificá-lo”.

⁶⁷ Citado por Hoekema, 1989, 376.

de Europa, uma das luas de Júpiter. Vida inteligente, porém, é outra história, muito mais complicada. Para chegar até lá, é preciso que os micróbios evoluam para formas de vida animal e depois desenvolvam inteligência. Tudo isso leva milhões e milhões de anos. A maior parte dos sistemas planetários hoje conhecidos não teve tempo para que isso acontecesse. Outro problema é que a manutenção de formas de vida mais complexas que uma lesma exige que um planeta atenda a uma série longa de requisitos, todos muito raros fora do sistema solar. São pouquíssimas as galáxias que podem hospedar formas superiores de vida. Em geral, são aquelas de forma irregular que surgem quando duas galáxias colidem, provocando um ambiente infernal e impróprio para a existência de qualquer forma de vida. As galáxias elípticas também não servem, porque ali as estrelas são pobres em metais e substâncias químicas essenciais para a vida. Pequenas galáxias devem ser descartadas porque o interior delas é muito instável. Por fim, podemos esquecer as galáxias muito distantes, que são novas demais e ainda não tiveram tempo para formar planetas sólidos como a Terra e Marte além do fato de que suas composições químicas não favorecem nada a existência de vida. Então, sobra pouca coisa: apenas as galáxias em espiral, como a nossa Via Láctea. Embora haja bilhões de estrelas nas galáxias espirais, nem todas poderiam abrigar vida, pois o seu núcleo é congestionado demais. A altíssima frequência de explosões e colisões de estrelas faz dessas regiões um ambiente estéril do ponto de vista biológico. Se você pegar o lado oposto, mais próximo das bordas de uma galáxia, diz Ward, também não funciona. Nessas áreas, é muito baixa a concentração de elementos pesados, como carbono, ferro e sódio, todos fundamentais para a formação de planetas sólidos e para iniciar a fusão que aquece o interior desses planetas.

⁶⁸ Ward, 2000, 11.

Segundo Ward, um outro fator que justifica a permanência da Terra como o nosso santuário escatológico é a sua sustentação por outras fontes de vida. Vejamos a importância do Sol na manutenção da vida na Terra. Apesar da nossa galáxia ter um diâmetro aproximado de 85000 anos-luz, o Sol está à cerca de 25 000 anos-luz do núcleo, na zona intermediária de um dos braços da Via Láctea. É uma combinação única, extremamente favorável à existência de formas de vida como a nossa. Essa combinação é única porque para sustentar vida, um planeta não pode orbitar qualquer estrela. Muitas pessoas acreditam que o Sol é uma estrela comum. Isso está errado. Cerca de 95% de todas as estrelas têm massa menor que a do sol. As mais numerosas em nossa galáxia têm apenas 10% da massa solar. São todas más candidatas a hospedar vida evoluída porque emitem pouca energia. Para conseguir calor suficiente, um planeta precisaria estar tão perto dessa estrela que entraria em rotação síncrona, ou seja, um lado do planeta estaria sempre de frente para a estrela. A temperatura no lado escuro seria tão baixa que toda a atmosfera congelaria, impedindo a formação de vida animal. E se a estrela for maior do que o Sol, diz Ward, também não serve. Nosso Sol tem o tamanho exato para ficar praticamente estável durante 10 bilhões de anos, tempo suficiente para a evolução de formas complexas de vida. Se a massa do Sol fosse apenas 50% maior, ele esgotaria toda a sua energia em apenas 2 bilhões de anos. No estágio final, antes de virar um gigante vermelho, seu brilho e calor aumentariam 1 milhão de vezes, incinerando os planetas mais próximos, inclusive a Terra. Ainda que restassem cinco ou seis estrelas do tamanho do sol, não justificaria a existência de vida inteligente extraterrestre. Há uma infinidade de outros fatores que contribuem para a existência de uma forma superior de vida como a nossa. É preciso que o planeta não esteja sob bombardeio freqüente de cometas e meteoros. Isso só não acontece na Terra porque os

planetas vizinhos lhe servem de escudo. O enorme campo gravitacional de Júpiter atrai boa parte da sujeira espacial que poderia destruir a Terra. Resolvido esse problema, diz Ward, a órbita do planeta candidato a abrigar vida precisa estar na distância correta em relação à estrela, de modo a manter a água em estado líquido. A maior parte dos planetas está muito longe ou perto demais. Aqueles com pouca água não podem ter formas avançadas de vida. Os inteiramente cobertos por oceanos profundos também não são ideais. O fato de haver águas rasas na Terra pode ter sido vital, em um certo momento de sua história, para o processo químico que formou grandes quantidades de calcário e retirou gás carbônico da atmosfera. Se isso não tivesse acontecido, a atmosfera de nosso planeta teria concentrações muito elevadas de gás carbônico. Como resultado, a temperatura seria excessivamente alta, acima de 100 graus Celsius. Num ambiente assim, os oceanos evaporariam e a vida na Terra terminaria de maneira catastrófica. Nosso planeta levou cerca de 2 bilhões de anos para formar oxigênio em quantidade suficiente para permitir a sobrevivência de animais. Além disso, a superfície passou por um longo período de estabilidade, que permitiu a existência contínua de água. A Terra só conseguiu desenvolver um ecossistema tão rico porque vem mantendo seus oceanos por mais de 4 bilhões de anos. E sempre em grau de acidez e salinidade que permite a formação de proteínas, a estrutura básica dos seres vivos.

A Lua também desempenha um papel importante na manutenção da vida na Terra. Ela mantém um perfeito jogo de forças gravitacionais com a Terra e evita que nosso planeta oscile demasiadamente enquanto gira em torno do próprio eixo. Se não fosse o efeito estabilizador da Lua, não estaríamos aqui. Isso é muito raro. Em nosso sistema solar, só Terra e Plutão têm um satélite natural de bom tamanho. A diferença é que Plutão é um *freezer* perdido na escuridão, onde provavelmente a vida nunca florescerá.

A forma mais antiga e abundante de vida na Terra é a microscópica. Ela surgiu há cerca de 4 bilhões de anos, tão logo o planeta esfriou e começou a apresentar as condições mínimas para a existência de vida. O fato de as primeiras bactérias terem aparecido aqui tão cedo sugere que não é difícil que elas brotem em qualquer outro lugar com a mesma facilidade. Assim, existe a possibilidade de encontrarmos formas de vida mais elementares (não inteligentes) em outros planetas. Em Marte, por exemplo, as possibilidades são muito boas. Há 4 bilhões de anos, as condições em Marte eram bem mais favoráveis à vida do que são hoje. O planeta vizinho era mais quente, tinha uma atmosfera e até mesmo água na superfície. E, uma vez que formas microscópicas de vida se formam, é difícil que desapareçam. Uma das grandes descobertas recentes é que os micróbios podem ser encontrados em camadas profundas do solo, até um quilômetro abaixo da superfície. Eles conseguem viver em material rochoso, a altíssimas temperaturas, e não precisam de muita energia. Por isso, o melhor lugar para procurar vida em Marte é no subsolo. Como a temperatura lá é mais alta do que na superfície, provavelmente há uma boa quantidade de água aprisionada no interior das rochas, inclusive em estado líquido. O Pólo Sul marciano tem um bom volume de água, embora em quantidade bem menor do que na Terra. Em Europa, a lua de Júpiter, tem uma superfície coberta por uma camada de gelo. Há evidência de que, no fundo dessa crosta gelada, exista um oceano, com água em estado líquido. Lá também há boas chances de se encontrar microorganismos extraterrestres. Mas é praticamente impossível existir alguma forma mais evoluída de vida. Como a superfície é inteiramente coberta de gelo, não há como a luz chegar ao oceano líquido embaixo. O brilho do sol nas imediações de Júpiter já é muito pálido. A única fonte de calor seria a atividade vulcânica no interior da própria Lua.

Até hoje não se descobriu um modelo tão eficiente para gerar e sustentar a vida como o DNA, código genético que compõe a base de todos os seres vivos na Terra. É uma estrutura molecular maravilhosa que metaboliza, reproduz e evolui a energia.

Nos Estados Unidos, cientistas sérios e renomados, ligados ao Programa de Busca de Inteligência Extraterrestre (SETI), tentam escutar sinais de rádio emitidos por seres extraterrestres. O governo americano está gastando mais de 60 milhões de dólares no SETI, além dos 100 milhões de dólares investidos pela iniciativa privada. Esse dinheiro poderia ser mais bem aplicado em projetos que ajudem a proteger as florestas tropicais e os ecossistemas ameaçados. A biodiversidade da Terra nunca correu risco tão grande como hoje.

CONCLUSÃO

Escatologia é uma matéria fascinante porque busca responder àquelas perguntas que ainda não foram respondidas pelas demais disciplinas. Até mesmo aquelas perguntas que existem nos ambientes científicos. A escatologia mostra-nos, tanto dentro de uma perspectiva geral como individual, que os destinos do universo e da humanidade convergem para um só ponto: o *Eschaton*, Realidade Última que se cumpre no *Eschatos*, Cristo, a expressão plena do amor de Deus. A encarnação de um Criador que ousou apaixonar-se pela sua criação a ponto de morrer por ela. Quando Deus concluiu a sua criação, ele constatou que “tudo quanto fizera [...] era muito bom” (Gn 1. 31a). A expressão “era muito bom” traduz a profundidade do sentimento de Deus em relação a nós e o universo. Portanto, não devemos repudiar a criação de Deus, pois estaremos repudiando a nós mesmos. Precisamos cumprir o nosso papel como “lavradores” nesse planeta onde fomos plantados com a missão de “cultivar” e cuidar da “lavoura de Deus” (1 Co 3. 9)

Como súditos do Reino de Deus, não podemos simplesmente considerar a Terra como um caso perdido. Temos que trabalhar para a sua reconstrução. Enquanto vivemos nesta Terra nós nos preparamos para a vida na “nova terra” de Deus. Não desanimemos porque há Alguém sentado no trono do universo. Ele detém o controle de tudo, inclusive do tempo e da história. É o Cordeiro que foi morto e reviveu; Jesus Cristo, o nosso Rei; *a base da nossa esperança escatológica*. E viver esta esperança significa “transformá-la” em presente escatológico. É aprender a viver *extensivamente* a temporalidade e objetividade do *chronos*, e viver *intensamente* a *eternidade* e subjetividade do *kairós*.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário de Escatologia Bíblica*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- BELK, Fred R. *The Great Trek*. Herald Press, 1976.
- BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. Trad. Felipe Delgado Cortés. Grand Rapids, Michigan: T.E.L.L., 1983.
- BEST, W. E. *Eternity and Time*. Houston, Texas: South Belt Grace Church, 1986.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. Edição Revista e atualizada no Brasil. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA SHED. Edição Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- BLOCK, Richard. “Fórum Econômico debate religião X avanços da ciência e economia de mercado”. *In: Jornal Soma*. São Paulo: Ed. de fev. 2000.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Reino de Deus e Esperança Apolítica*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- BOFF, Clodovir. *Sinais dos Tempos*. São Paulo: [s. n.], 1979.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CHAMPLIN, Russel N. e BENTES, João M. *Teologia*. *In: ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA* 6. São Paulo: Candeia, 1991.
- CLARET, Martin (Ed.). *Einstein Por Ele Mesmo*. Vol. 7. São Paulo: 1999.

- CLOUSE, Robert G. (ed.). *Milênio: Significado e Interpretações*. 1 ed. Trad. Glauber Meyer Pinto Ribeiro. Campinas: LPC, 1985.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1979.
- GLASSON, T. F. *His Appearing and His Kingdom*. [s. l.]: The Epworth Press, 1953.
- LIBÂNIO, João B. e BINGEMER, Maria Clara L. *Escatologia Cristã*. Petrópolis: VOZES, 1985.
- HENDRIKSEN, William. *A Vida Futura Segundo a Bíblia*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1988.
- HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o Futuro*. Trad. Karl H. Kepler. 1 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- KASSIS, Nabeel. “Fórum Econômico debate religião X avanços da ciência e economia de mercado”. *In: Jornal Soma*. São Paulo: Ed. de fev. 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.
- SUMMERS, Ray. *A Mensagem do Apocalipse: Digno é o Cordeiro*. 3 ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1978.
- SUPER INTERESSANTE. *Tempo: O Eterno Movimento*. 5 ed. Rio de Janeiro: Abril, 2001.
- WARD, Peter. *Nós Estamos Sós*. *In: Revista VEJA*, n. 11, pp. 11-5. Rio de Janeiro: Editora Abril, 2000-Quinzenal.